

MOVIMENTO

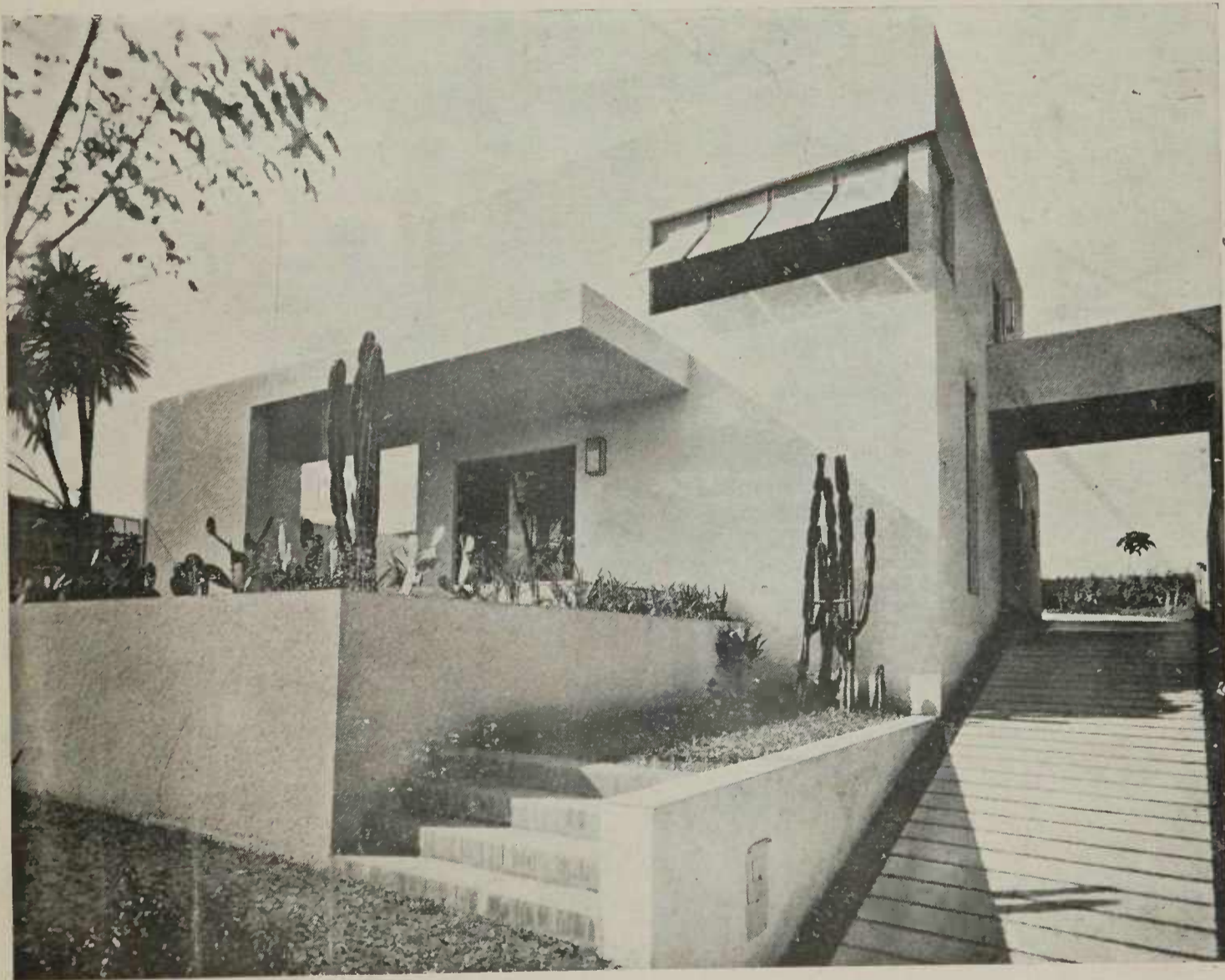
BRASILEIRO

SEGUNDO ANNO

Numero 18 - 19

Director:

RENATO ALMEIDA



A CASA MODERNISTA DE GREGORI WARCHAVCHIK

JULHO

PREÇO - 1\$000

RIO DE JANEIRO

A' Collegial

.....

Uniformes e enxovaes para
todos os collegios: a maior
casa em vestuarios para
creanças

**Largo de S. Francisco,
38 / 40**

LIVROS

NOVIDADES

<i>Lemos Britto</i>	
As leis de Menores no Brasil (paginas de critica e de doutrina)	20\$000
<i>Vilhena de Moraes</i>	
O Gabinete Caxias e a amnistia aos Bispos na "Questão Religiosa"	10\$000
<i>Ronald de Carvalho</i>	
Estudos Brasileiros	6\$000
<i>Christovam de Mauricéa</i>	
Anthologia mystica de poetas brasileiros . .	5\$000
<i>Furtado de Mendonça</i>	
Denunciação de Pernambuco (1593-1595) . .	30\$000

F. BRIGUIET & C.^{IA}

EDITORES

38, RUA S. JOSÉ

Caixa Postal, 458

RIO DE JANEIRO

Nas grandes cidades devido ao excesso de trabalho physico e mental, perdemos diariamente grande parte das nossas energias, deixando-nos muitas vezes sem acção para continuar a lucta.

Precisamos estimular o organismo contra os estados morbidos, que são a causa da *fraqueza geral, neurasthenia, esgotamento nervoso, affecções pulmonares*, e outras molestias provenientes dos estados *depressivos e adynamicos*.

Isso só se consegue com o uso do "PLAS-MOL", cuja efficacia milhares de medicos attestam como sendo a medicação especifica de acção rapida nos casos supra citados.

PLAS MOL

Tonico recalificante e remineralizador organico

Base: Calcio, Arsenico, Phosphoro,
Nucleinato de Sodio, Vitaminas,
Thyocol, Kola, etc.

PHARMACIA HEITOR SAMPAIO

Rua Evaristo da Veiga, 30 — RIO

TYPOGRAPHIA

A. P. BARTHEL

Rua Sacadura Cabral, 143

Telephone 4-4317

RIO DE JANEIRO

GRAÇA ARANHA

A VIAGEM
MARAVILHOSA



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

Entre os romances immortaes de lingua portugueza, *A Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha, permanecerá como o documento mais profundo e mais humano da literatura brasileira.

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

SEGUNDO ANNO

Numero 17

Director :

RENATO ALMEIDA

GRAÇA ARANHA AOS ARTISTAS BRASILEIROS

OS ARTISTAS BRASILEIROS A GRAÇA ARANHA

JORGE DE LIMA: APANHADORES DE SURURÚ

GEO CHARLES: ARTE MODERNA

MURILLO DE ARAUJO: PUREZA

O POETA LAUREADO DA INGLATERRA

MURILLO MENDES: DESERTOS

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANOEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL

Movimento Brasileiro

ANNO 2 — N.º 17

MAIO — 1930

Graça Aranha aos artistas brasileiros

Esta esplendida manifestação, promovida pela brilhante e ardente Associação dos Artistas Brasileiros, a que, para maior encanto, se juntou a voz prestigiosa de Eugenia Alvaro Moreyra, confirma que a "Viagem Maravilhosa" é por excellencia uma obra de arte. Agradeço profundamente ao illustre artista, seu presidente, á pintora, ao musico, ao escriptor, ao architecto, ao escultor e ao poeta, eminentes interpretes de suas artes, as palavras vibrantes e affectuosas com que exprimiram o julgamento tão commovente para o autor do romance, que, propondo varios problemas e só resolvendo o do amor, se desenvolve dentro da materia plastica. A realização esthetica é que dá a duração. Os problemas, as theses, os conflictos, passam, só a arte subsiste.

A arte na "Viagem Maravilhosa" é a de um homem livre. Pelo seu imprevisito, a "Viagem Maravilhosa" desnorteou os espiritos obscuros. Este inesperado atordoamento foi um gozo para o escriptor, habituado a sorrir do alvoroço de despeitos, de odios e de incomprehensão com que os seus livros são sempre recebidos para afinal perdurarem no generoso e intelligente coração dos brasileiros.

A sympathica nacional não podia faltar ao escriptor, cujas criações, no Brasil e longe d'elle não se animam sem o impulso brasileiro. Foi em Londres, por entre nevoeiro e fumaça, tendo como perspectiva infinitos telhados e chaminés, que espalhei em "Chanaan" a luz, a cór, a vida florestal do Brasil. Nos "fjords" da Noruega appareceu-me o fantasma de "Malazarte" e com elle o sortilegio brasileiro. De Paris o vôo metaphysico da "Esthetica da Vida" veio envolver os problemas brasileiros. E quando quiz dar ao publico parisiense uma demonstração da nossa sensibilidade artistica, escolhi para essa prova a lenda de "Malazarte" Pre-

feri o assumpto perigoso, quasi incomprehensivel para o estrangeiro, a tantos outros, de facil accettazione, da tragedia quotidiana ou da mythologia classica.

Por esta expressiva manifestação, que tanto me honra, viestes tambem prestar o vosso testemunho de ser a "Viagem Maravilhosa" obra de arte brasileira. Incorporastes "A Viagem Maravilhosa" ao patrimonio esthetico do Brasil. Consagrastes-lhe o mais bello destino.

A predestinação do Brasil é a de ser uma nação gloriosamente artista. O Brasil inporá ao mundo a sua arte. Dará a sua luz, as suas côres, as suas fórmulas raciaes, o rythmo da sua poesia e da sua musica á arte universal. A universalização, que proclamamos, não é a copia da arte dos outros povos. É a expansão da força intrinseca do genio brasileiro, de dentro para fóra, como está acontecendo com a arte russa e a arte mexicana.

Quando as formulas politicas, as leis das relações sociaes, as religiões morrem, a arte permanece. Que resta da democracia grega e do paganismo? Que resta da civilização militar romana? No entanto, o fremito da poesia e das tragedias gregas ainda nos exalta e são immorredouras as linhas das estatuas e dos monumentos hellenicos. Para celebrar o genio romano não se glorifica Cesar, glorifica-se Virgilio. Dos incas, dos aztecas, dos mayas desaparecidos, resurge, imperiosa e renovadora, a arte. No seio da terra brasileira encontraram-se as timidias mensagens que os indios primitivos nos enviaram nos tecidos e na ceramica, antes de succumbirem nos morticinios das perseguições. Esses fragmentos engenhosos vieram engrandecer o nosso senso artistico.

Pela arte, o Brasil será eterno.

Os artistas brasileiros a Graça Aranha

A Homenagem da “Associação dos Artistas Brasileiros”

A consagração que recebeu Graça Aranha dos artistas brasileiros, na tarde de 14 do corrente, foi o testemunho da emoção profunda que causou A Viagem Maravilhosa. O triunfo do livro, a preocupação em falar delle, a propria grita de opposição mostrou tudo isso que o romance de Graça Aranha representava alguma coisa de extraordinario na nossa literatura. Mas, naquela tarde, o ambiente era de entusiasmo, vindo de varias vozes, nenhuma das quaes de amigos do Mestre, algumas mesmo sem ligações de tendencias e orientações. Tudo se unia e se communicava na mesma emoção sincera e profunda, que envolvia Graça Aranha e lhe demonstrava que a sympathia nacional não faltava ao grande escritor, movido sempre pelo sortilegio brasileiro.

Nessa festa, que tanto honra a «Associação dos Artistas Brasileiros», ao seu distincto promotor, Celso Kelly, ao seu illustre presidente, pintor Navarro da Costa, aos seus oradores vibrantes, nessa festa o maior triunfo foi da intelligencia brasileira, que a mesquinha politica literaria pretendeu deprimir, obstinando-se na negação de uma obra immortal. O exito do livro cada dia se torna maior. Todo o Brasil lê, discute, commenta e admira A Viagem Maravilhosa. É incontestavel, acima de tudo, o entusiasmo sincero e franco pelo livro, que a festa da «Associação dos Artistas Brasileiros», de uma maneira brilhante e eloquente, traduziu, como indicação apenas do sentimento de todo o paiz. Para um artista, não ha que saber se a obra é bonita, ou feia, boa ou má, querida ou odiada, basta-lhe a certeza de que causou uma emoção profunda. E esse testemunho vem tanto da admiração, quanto do odio.

DISCURSO DO PINTOR NAVARRO DA COSTA

Mestre Graça Aranha, minhas senhoras, meus senhores:

A Associação de Artistas Brasileiros, que tenho a honra de presidir, presta, hoje, a Graça Aranha uma publica homenagem de sua admiração.

Attendendo á alta finalidade que orienta os seus actos, a Associação, sem preocupação de outra ordem que a de servir o Brasil, tem a satisfação de ver congregadas em torno do programma que se traçou e do ideal que elle encerra, uma formosa pleiade de intelligencias constructivas, que, na mais perfeita communhão espirital, realisa, sem reclamos de “coterie”, uma grande obra cuja

significação, óra, ninguem de bôa fé póde mais por em duvida.

Construir-se, entre nós, alguma cousa, que não produz certos e immediatos lucros, é ter a certeza, de ante-mão, de estar a mesma votada á irremediavel condemnação.

Não sei por que phenomeno, nós brasileiros — de resto tão inflammaveis quando se trata de louvar cousas estrangeiras — somos tão faltos de entusiasmo, falhos de justiça, quando um e outra são devidos ao nosso merito ou ás nossas acções?

Parece que ainda não se atinou com o destino que nos está reservado. Um destino maravilhoso, que terá este Brasil, quando toda sua vastidão estiver povoada por gente sã, consciente, laboriosa,

trabalhada por nóbre idealismo, que lhe dará a certeza de sua força e o orgulho do seu valor. Quando, dentro desses immensos campos, dessas montanhas magnificas, nos rincões mais afastados do seu littoral, não houver mais um unico analphabeto, ninguem que ignore o sagrado idioma da patria, um palmo de terra onde o arado bemfeitor não haja deixado o sulco do seu poder transformador, cobertas as suas cidades laboriosas, de chaminés de fabricas em que o fumo, que manche o céu, não tenha aquelle negror da fumarada das devastações, mas, seja attestado positivo e vchemente, de que aqui labora uma nobre raça — caldeamento de todas as outras — satisfeita, prospera, feliz, cumprindo o destino que Deus lhe traçou, e preparando-se, irriquieta e nóva, para as mais formidaveis realizações.

Esta obra, porém, meus senhores, a que acabo de me referir, não pôde ser effectuada sinão pelas elites. Só as intelligencias cultivadas podem preparar esse destino immensuravel.

E' necessario pensar que a nossa grandeza não está na razão directa do espaço que occupamos no planeta, mas na intelligencia do nosso povo, na sua cultura, na sua civilisação.

De que nos serviria, meus Senhores, um grande territorio, vazio, sem outra expressão do que aquella com que a natureza o dotou? Certamente que esse Brasil não o ambicionariamos nós. A pay-sagem por si só, nada significa nem exprime: — já o disse Blasco Ibanez. E' preciso que a mão do homem lhe faça resaltar os contornos, illuminando-a com o sól de suas façanhas e fazendo-a theatro de suas farças e tragedias.

Para que tal aconteça — devemos dizel-o sinceramente — é preciso que desapareça através de uma fé sincera e de são patriotismo, a falta de confiança que nos attribuimos a nós mesmos, á paixão do ganho immediato, a inveja, que nos apouca, o sentimento doentio do ridiculo, que nos abastarda, e a luxuriosa mania de nos diminuirmos para elevar os outros.

O Brasil, meus Senhores, não pôde ser esse aglomerado de ignorantes e de indiffrentes, avidos de bons negocios, incapazes de um ideal alevantado, sem espirito de cooperação, de sacrificio, de renuncia, de grandeza moral, qualidades que nobilitaram as nacionalidades e definiram os grandes povos civilisados.

O Brasil, meus Senhores, está muito mais na intelligencia de seus filhos do que em todas as riquezas que jazem no seu sólo. Desperta-a, cultiva-a, incentiva-a, eis o que nos compete fazer, nós que sabemos acreditar no Brasil, que amamos o Brasil, que somos as forças vivas que impellem o

Brasil para esse amanhã radioso, feito de todas as possibilidades, que será a nossa gloria e o nosso orgulho.

Mestre Graça Aranha: O dia de hoje é um dia de festa. Festa de sincera admiração, que seus camaradas da "Associação de Artistas Brasileiros" prepararam em vosso louvor. Louvor a um grande artista, a um grande Homem, louvor a um grande Brasileiro. As obras de arte com que honrastes o Brasil, formam esse encadeiamento, magnifico, que culmina na vossa ultima producção "A viagem maravilhosa" Maravilha que vos situa, em o nosso mcio e no meio da humanidade, como uma figura de excepção, que os deuses bem fadaram, para tornar menos triste e menos amarga a nossa existencia no planeta.

Felippe, o heroe do vosso grande livro, libertou-se pelo amor.

Cansado e desilludido, fugio á lucta e immergio no seio do amor, ponto extrcmo que a sua sensibilidade procurou attingir.

Amor!

Mestre Graça Aranha. Não será só delle que necessitamos, nós brasileiros, para a nossa viagem maravilhosa?

Amor feito devotamento, renuncia, sacrificio, amor pelo Brasil.

Aquelle, Mestre admiravel, é o instincto feito egoismo, este, a sua transmutação na luz mais subtil. Aquelle, uma illusão do homem apaixonado, este, tornado intelligencia, fulgura com o mesmo esplendor do sól.

DISCURSO DA PINTORA D. GEORGIA DE ALBUQUERQUE

Reconhecendo embora a difficuldade de interessar o auditorio intelligente aqui reunido, acceitei a honrosa incumbencia de dizer, como pintora, algumas palavras sobre a "Viagem Maravilhosa" sómente porque se trata de um livro do qual se diria ser pintado com palavras; palavras, que têm mais côr, mais força, mais brilho, que as tintas de uma palheta; palavras magicas, que desenrolam em gammas de côres irisadas, panoramas de deslumbramento. De tal forma Graça Aranha reflecte sua alma na volupia, no requinte, na subtilidade, de tal forma mantem o poder de intellectualisar a emoção, e expô-la palpitante, vigorosa, colorida, despertando consonancia em nossa alma, que desse livro poderíamos dizer, que somos mais espectadores que leitores.

A sua visão panoramica da terra é luminosa, são apotheoses de côres brilhantes, distribuidas com

mestria, com uma justeza absoluta, uma sensibilidade commovente, nas manhãs claras, límpidas como aquarellas, feitas de um jacto; nos roseos-roxos das tardes, nos verdes, nos rubros, nos dourados do meio dia, dissolvidos pela intensidade do sol, numa poeira densa de luz brasileira.

Desse sol, que tenho tentado representar em minhas telas, Graça Aranha dá-nos em suas paginas o halo suffocante, tal é o seu conhecimento eficiente das cores, na vibração atmosphérica, harmonizadas aos ruídos, aos movimentos, aos perfumes.

Como na pintura moderna, na "Viagem Maravilhosa", o thema é pretexto apenas para a coordenação de quadros, em que as figuras se movem e a paisagem scintilla, segundo as horas do dia.

Quadros majestosos desse bellissimo Rio de Janeiro, pintura movediça que vibra em continua renovação e, ora nos dilata o peito no entusiasmo, ora nos confrange no mysterio.

São quadros impressionistas, abrangendo todos os generos. Na morte do caudilho, a impressão de ambiente é de uma força, de um vigor extraordinario! Obra prima de composição; as linhas são admiravelmente bem lançadas, precisas e vigorosas; as massas bem distribuidas de claro escuro dão effeito impressionante. Em poucos traços bem accentuados, a figura do morto tem muito da psychologia dos bons retratos. As figuras que o circundam são bem caracterizadas e bem agrupadas. E' illustração, é historico, é principalmente, grande quadro, onde por voluntaria combinação, certos detalhes dos trophéos do caudilho, em primeiro plano, dão magestade á tela, accrescentando-lhe algo de lugubre.

A chegada de Ritinha é quadro de genero delicioso e alacre, de uma brasilidade encantadora; muita cor, muito movimento, muito character, pintado a largas pinceladas de tintas puras collocadas lado a lado e se exaltando numa exuberancia pittoresca e feliz.

Na tarde que Felipe e Mem partem para a espera dos Caytetus, na descripção da matta, sentimos o pulso forte do paysagista conhecedor dos seus effeitos nas massas, nos planos, nos volumes. E' um quadro de empolgante belleza, que nos faz vibrar de entusiasmo. Numa visão concentrada, profunda, suggestiva dos céus e das aguas, dá-nos marinhas lindas, com profusão de cores nos bahos de Copacabana. no morrer da tarde visto de Jurujuba. no nocturno da cidade illuminada, visto do mar. Nos croquis urbanos, na observação da passagem do sol intenso á penumbra das salas, seu impressionismo é ao mesmo tempo subtil e agudo.

Das suas figuras são bem sentidos os croquis

rapidos, sem retoques, feitos com poucos traços, como os de Léo, de Aracy e outros muito curiosos apanhados em S. Paulo.

Enfim, esta é uma impressão ligeira de pintura, mas sinto tudo que ha de complexo nesse livro, onde na vibração da alma do grande estheta, encontramos pedaços de nós mesmo! Em arte somos todos uns torturados, porque arte é mais ou menos duvida; entretanto, nada pode preencher certos vãos angustiosos que existem sempre em nossa alma, senão uma sensação de arte pura, arte da intelligencia como encontramos nas paginas soberbas da "Viagem Maravilhosa", de Graça Aranha.

DISCURSO DO POETA CELSO KELLY

Se o estado poetico é uma super-excitação da intelligencia, "vertigem momentanea do coração e do espirito", — na phrase de Magnin — a obra de Graça Aranha eleva-se, em muitas passagens, a um panorama ideal de lyrica, com o seu poder de irradiação e contagio, que Henri Bremond define a "virtude magica" da poesia. Para o estheta renovador, que restituiu, de subito, aos nossos circulos literarios a animação e o interesse, a inquietação das escolas, o debate ardoroso da critica, partindo do crepusculo da civilisação occidental, para as surpresas do "após guerra", na antevisão de reformas, que removessem os planos de cultura academica, — a Arte não é a emoção resultante do frio espectáculo das coisas, mas a integração dos homens no scenario universal. A ousadia de suas campanhas, em hora de grande confusão de valores, propicia ao gosto das irreverencias e ao prazer das extravagancias, em sátira energica, a fazer do ridiculo o melhor instrumento de demolição, — tornaram-se o estimulo poderoso e o excitante proprio a um novo exame de nossos processos de cultura, despojando-nos do peso inutil das imitações artisticas, e das sensações indirectas, através de canones e modelos, a que as antigas convenções, sem motivo logico, deram o theorico attributo da immortalidade.

O principio de que "a Arte é libertação", já o enunciará Graça Aranha, longe do conceito romantico, e na sua noção objectiva, em um dialogo de "Chanaan", onde reconhece que "toda a marcha humana é uma aspiração de liberdade", apoio, estimulo e razão de ser da vida social. "A sombra do passado penetra demasiado na morada do homem moderno e enche-lhe a casa de espectros e visões, que o detêm e o perturbam". O acervo de preconceitos, transmittidos na cadeia de submissões, que caracteriza as heranças moraes, é um obstaculo á compreensão do Universo, e o peor empecilho á

simplicidade do conhecimento. Com esses dois princípios — o da liberdade pessoal, e o da integração, pela solidariedade, a obra de Graça Aranha atravessa um largo periodo, fazendo de sua fidelidade e coherencia um exemplo fidalgo de fé e segurança, nas asserções e no entusiasmo de sua prédica: “todo o mal está na força, e só o Amor pôde conduzir os homens”

A solução de sua philosophia offrece um sentido superior, ao enlevo das almas. Leio n’A **Viagem Maravilhosa**, o louvor mais alto das bellezas moraes, de onde se desdobra o encantamento das paisagens artisticas. O amor, naquelle romance, é muito mais que a união dos sêres, para um minuto ephemero de gloria. E’ uma relação precisa do espirito com o Universo, “na tragedia da existencia” **Porque** “o espirito humano tem a necessidade imperiosa de ligar os effeitos ás causas e dessa disciplina gera-se o sentimento transcendente, da infinita unidade do Todo” Vêde a carta de Tereza. O amor é o “bem supremo e unico” “Uma viagem para a eternidade” “culto de poesia e pureza” “encanto e extase” soffrimento, “volupia estranha muito doce e muito subtil” “saudade que tortura e delicia” “divina esperanza” “exaltação”

Dizei-me agora se não é este um estado poetico, a presença do ideal, ou, como define Séailles, “a direcção natural dos pensamentos para a vida toda harmoniosa” O proprio rythmo de Graça Aranha realiza a virtude musical, o aproveitamento dos valores sonoros, como fórmula subsidiaria de **expressão**. Já hoje, não é insubstituivel a disciplina **metrica**, para realce de symbolos e imagens, nesse estado de criação quasi mystico. Lembro-me dos versos livres de Milosz:

“Heureux, heureux amants! Le rien dans son souffle inspiré, me retient suspendu sur la montagne des Dormans. Mes chaines de contellations sont rompues. C’est la Vie délivrée!”

Compare-os á eloquencia lyrica da “Viagem Maravilhosa” e tudo será o dominio rebelde dos **poemas**. A realidade se transfigura, na magia da **interpretação**.

Hoje que passou o momento das accesas divergencias de doutrina, em que a actual geração constituiu bases oppostas de raciocinio, e se empenhou, com entusiasmo, na sustentação de seus **dogmas**, de parte a parte, — verifica-se, em torno da singular figura de Graça Aranha, um movimento de cordialidade e admiração pessoal, que é a **melhor resposta** á violencia de certos comentarios e á insinceridade da critica presumidamente **moderna**. Os que não têm illusões sobre a precaria duração das escolas, esperavam, tranquilos, este momento de incondicional consagração da obra li-

teraria de um dos maiores escriptores que têm honrado a actividade intellectual, no Brasil. Occorre-me a phrase ironica de Paul Fort, — o desejo de pertencer a “todas as escolas, com convicção” E, quando Moréas declarava, no leito de morte, a pretexto das lutas de cultura, que “não existem, verdadeiramente, classicos nem românticos”, vale repetir o bom conselho de Barrés, sobre a sagração das obras definitivas, como a de Graça Aranha, incorporada ao melhor de nosso patrimonio espiritual: “Tornar-se classico é detestar a sobrecarga inutil, attingir a uma delicadeza de alma, que só se delicia, ao experimentar a verdade”

E’ este o divino signal das bellezas eternas.

DISCURSO DO MAESTRO LUCIANO GALLET

A “Associação de Artistas Brasileiros”, convidou-me para, como musico, saudar Graça Aranha.

Que significará a musica neste momento, qual a sua razão de ser numa manifestação ao mestre da **Viagem Maravilhosa**?

Na **Estetica da Vida**, ele proprio define a interferencia da musica na literatura de agora:

“O estilo de hoje deve ser musical. Pela musica, devemos interpretar o Universo. Pela musica deve-se exprimir toda a alma musical, o sonho e a morte. E’ preciso ao escriptor transpôr em musica todos os valores da natureza e da vida. A musica é o ritmo-mundo, de que só o homem moderno possui todo o segredo”

Ora, não se podendo duvidar que a musica abrange e absorve todo o dominio humano, — do sentimento á razão, e da vida á estabilidade, — com esta concepção vasta, Graça Aranha alarga illimitadamente o campo da criação literaria.

Transpondo-a para a musicalidade, que fica ao serviço da eclosão e vida da obra de arte, ele se apossa de uma variedade fecunda de meios musicas: expressividade, ritmos, coloridos, timbres, vozes, oposições, movimentos, construção, massas e volumes orchestraes. E assim transforma magicamente a palavra em musica, — som e ritmo; e a musica em verbo animado e sonoro.

Seria impossivel dizer neste momento como tudo isto vive e se corporifica na **Viagem Maravilhosa**.

Mas lembre o ambiente lugubre da macumba de Tio Jerômo, que o colorido das palavras acentua. No desenvolvimento da propria scena musical, a acção ganha vida e realidade:

“A negrada acompanhava o Pae de Santo, cantando em côro melopéas soturnas. As vozes altas, esganiçadas, das mulheres, erguiam-se sobre as vo-

zes baixas e roucas dos homens. Dansavam aos berros freneticos, exasperados de devoção e luxuria”.

Em contraste, o lirismo quasi wagneriano de Philippe e Teresa que “tinham pago com soffrimentos, martirios e lagrimas a suprema libertação”.

Do ambiente agreste, pastoral, quando “a musica sertaneja vem de longe, coando-se nos cafezaes” somos atirados para a vertigem alucinante do Carnaval frenetico “maravilha do ruido, encantamento do barulho”.

E devo tambem lembrar que Graça Aranha estabeleceu ainda afinidades musicaes, realisando na sua arte a estetica da composição moderna. Repudiando a forma preestabelecida que impõe moldes e subjuga a liberdade emotiva e creadora, o musico de hoje admite como forma, uma ideia geradora, da qual surgem e se desenvolvem as mil sensações, opostas, mutaveis e dispares que constituem a trama e as successões imprevistas de um momento de vida humana.

Eu desejava apenas, sublinhar relações musicaes na obra do Mestre.

E por isso, Graça Aranha, eu saudo em vós o interprete multiforme de belesas, ritmos e musicalidade que transbordam da terra que é nossa; mas acima de tudo, saudo o impulsionador ardente de forças novas brasileiras, apontando-lhes com o vosso entusiasmo um horizonte grande, vasto, sem medidas, — como o Brasil.

DISCURSO DO ESCRITOR HAMILTON BARATA

“Sr. Graça Aranha:

Viagem maravilhosa é bem a vossa, a da vossa Vida, Mestre solar, Divino Dynamo. Saudo com Amor o primoroso percurso que fizestes do Deslumbramento ao Dominio, do Extasis da Intelligencia ao Primado sobre o vosso Tempo. Amo-vos, Sr. Graça Aranha. Offerecestes, doastes ao Brasil a

mais possante vibração de Belleza deste seculo de Aço, de Cimento, de Electricidade, deste Seculo-Força, deste Seculo-Motor, deste Seculo-Scentelha. Sois, no Brasil na parte já decorrida do seculo, a Scentelha mais irradiante do que todas as outras. Nós, Brasil, nós, Brasileiros, vos amamos, Sr. Graça Aranha. Artistas do rythmo, da còr, da estrutura, do som e da fôrma vos glorificam, oh Dominador, pelo que ha de forma admiravel, som triumphal, estrutura harmoniosa, còr flammejante, rythmo embalador na vossa Soberana Arte. Quero saudar o que sois como Vida, como Vida estylizada, Vida optima, Vida delirante. Espelho e alavanca da alma e do impeto com que o Brasil, Nação-Aguia, sobrepairará no Illimitado. Realizastes uma Vida demoniaca e forte em que todos nós resumimos o tumulto dos nossos ideaes. Não sois Russo, não sois Chinez, não sois Francez, não sois Turco. Sois Brasileiro. E, sendo totalmente Brasileiro, sois por isso mesmo universal. Isto é uma nação cosmica, onde se fará a synthese da evolução do planeta. Sois o maior Historiador da fogueira em que se processa a elaboração dessa extraordinaria synthese. Servis ao Brasil, servindo á Cultura, servindo á Civilização. Nada vos podemos proporcionar como retribuição, a não ser o nosso Amor. Aceitae-o. Amamos a Vós mesmo, amamos Milkau, amamos a revolta e a sensualidade de Teresa, a vertigem de Philippe, a mediocridade de Radagazio, a selvageria de Balbina, a mania revolucionaria de Monteiro, o almofadismo de Léo, a bondade de Ritinha, o espiritismo de Vieira, a animalidade frenetica da macumba, a exaltação erotica do Carnaval — porque tudo isto é o Brasil, é a Realidade é a Humanidade. Vossa Literatura é o Espectro do Sol, em que se decompõem os raios da Luz que nos dá existencia a todos. Aceitae o nosso Amor, e que possa este perfumar a figura aureolada com que vos projectareis para o infinito da espiritualidade e vos fixareis no centro eterno do torvelinho dos seculos. Sr. Graça Aranha, aceitae o nosso Amor!”.

DISCURSO DO SR. NESTOR DE FIGUEIREDO

No proximo numero publicaremos o discurso que proferiu o illustre architecto sr. Nestor de Figueiredo.



Apanhadores de Sururú

Inédito para "Movimento Brasileiro"

JORGE DE LIMA

Tão bonita a Lagôa Mundahú! Eu vi os meninos pobres que iam tirar sururú. Um bando delles. Uns tinham doze ou treze annos e pareciam ter oito. Amarellos. Perto da Satuba tem um massapê optimo. Elles amassam, amassam, fazem balas. Cozidas, são mais gostosas que sururú. E quem não sabe comer barro não sabe tirar sururú, com gôsto. Comer terra! Quando a bala vermelhinha côr de telha toca na lingua a bocca se enche d'agua para a bala se embeber. Os meninos amarellos têm agua por demais na bocca. Gôsto de terra não é gôsto de comida, de sal, de assucar, de carne. E' gôsto differente. De terra! E' um gôsto doente como gôsto de maleita. Tambem quem não tem maleita não sabe tirar sururú com gôsto. O frio da maleita não se importa com sol nem com chuva nem com o frio que está por fóra da gente, no ar. E' um frio que vem de dentro. Dá-se a mão e a mão está com 39. Mas o frio é bom porque é differente dos outros frios. Os meninos que vão tirar sururú têm os olhos sumidos. Mãe-maleita dorme com elles no

girau de páu-cundú. Mãe-maleita dá-lhes sonhos de febre. Os meninos sonham coisas doidas. Que uma inglezinha que passou uma vez numa lancha automovel veiu urinar no massapé. Elles sentem o gôsto da inglezinha sonhando com o gôsto do massapé mijado. Têm outros sonhos, todos gostosos. Os meninos tiram sururú com gôsto. Ao meio dia o sol tine. A agua está morna e suja. Ali pertinho já é a lama do sururú. Que gôsto pisar na lama. E' differente de pisar nas praias, na neve, na gramma. Os pés dos meninos têm sensibilidades ineditas. A lama abarca o pé, entra entre os dedos, mais grossa do que baba de boi, gruda-se na pelle, dá uma coceira bôa nas frieiras. Os meninos entram mais. A lama sobe. E' uma caricia peganhenta pelo corpo. As mãos descem na lama. As canôas afundam de sururú. O sol está tinindo mas ninguem sente calor. Tudo é bom. A miseria é bôa. A lama é amorosa. Parece que a vida é uma feitiçaria de sonho de maleita. Felicidade.

ARTE MODERNA

GEO CHARLES.

Geo Charles, poeta e critico francez, que nos visitou com Vicente do Rego Monteiro, trazendo uma exposição de pintura moderna, da qual tivemos ensejo de falar, escreveu, especialmente para MOVIMENTO BRASILEIRO, esta pagina admiravel sobre o modernismo francez, suas origens, tendencias e escolas, que é um minucioso panorama do movimento de literatura e arte em Paris, de 1900 a 1930, feito com acuidade critica e copiosa informação.

Meu desejo seria o de trazer ao publico brasileiro, numa mensagem verdadeira, o espirito que vivifica a arte e a literatura actualmente, em honra a Paris. Queria revelar a este publico a arte parisiense de 1930, ao mesmo tempo tão franceza e tão internacional, o que lhe dá ás menores pulsações uma circulação universal. Queria, sobretudo, dissipar as prevenções contra essa arte moderna e demonstrar que, na realidade, não é mais do que successora digna das tendencias que a anteciparam nas maiores épocas.

A densidade do vasto movimento que domina em Paris apparece mais forte ainda, quando hoje se procura resumil-o.

Quaes são as suas raizes antigas, quaes foram a occasião e o motivo que lhe deram uma direcção grandiosamente humana? São as questões que importa collocar, se se quer apreender o segredo do movimento moderno em toda a sua amplidão e em todas as suas directivas. Não farei, como partidario mesquinho, a maneira de certos ade-

ptos maus de escolas. Tambem a escola é um erro profundo se lhe emprestamos um sentido restricto e limitado, anti craidor no fundo. Ella reúne espiritos fracos que não compreenderam a lição dos mestres. Para nós limitar a exemplos, contra os quaes tanto reagiu o movimento moderno, lembremos as fallencias do post-impressionismo, do realismo e depois do symbolismo de segunda mão.

Eterna lei das verdades e dos erros!

Veremos logo alguns discipulos degenerados das reacções modernas, falsos cubistas, discipulos frios do expressionismo allemão e hollandez, e os surrealistas commetterem, na sua maior parte, o mesmo erro que seus predecessores, os retardatarios do impressionismo, e se fixarem no *poncif* dogmatico e sem humanidade. A arte não pôde ser sem humanidade e sem amor. O amor, a sensibilidade fremem no fundo, na côr e fôrma de um Braque e de um Picasso, mestres do cubismo pictural, como fremiam na luz impressionista dos criadores authenticos desse movimento.

São esses valores profundos que vêm mais tarde á superficie publica. O bluff dos falsos artistas e a toleima dos criticos de arte como Camille Mauclair explicam esse phenomeno de retardamento.

AS QUATRO CORRENTES DA ARTE DE PARIS

Pôde resumir-se em quatro grandes correntes a profifica producção de arte de Paris. Essa divisão é forçosamente arbitraria, pois nenhuma dessas correntes é isolada, todas se entrepenetram. Esses titulos constituem pois fichas indicativas, visando somente as características principaes e o processo da formação historica. Darei ao primeiro grupo o epitheto de largamente moderno. Sem theoría especial, reúne pintores como Utrillo, Dufy, Matisse, Derain, Vlaminck, Modigliani. Em alguns, uma certa influencia negra ou cubista se manifesta mais fortemente, entre 1905 e 1910. Pôdem juntar-se a esse grupo esculptores como Bourdelle, Despiau, Pompon, Maillol... Em literatura, collocariamos de boa vontade ao lado desses, escritores como André Gide, Fargue, Jean Girardoux, Pierre Marc Orlan, Jules Supervielle...

O segundo grupo é formado pelo cubismo, *grande gerador da revolução*. Conta em primeiro lugar pintores como Picasso, Braque, Léger, Juan Gris... esculptores, como Brancussi, Laurens, Coaky, Lipschitz, Archipenko, Manés, Gargallo, Zadkine. É preciso juntar a elle a maior parte dos nossos grandes poetas, Apollinaire, morto em consequencia de feridas da guerra, em 1918, Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Max Jacob, Reverdy, e a nossa escola de architectura commandada por Le Corbusier e á qual se unem Tony Garnier, os irmãos Perret, Mallet, Stevens, Lurçat, etc. Emfim é necessario collocar aqui a obra dos musicos mais talentosos depois da morte de Debussy, isto é, os *Seis*: Honegger, Darius Milhaud, Auric, Poulenc, Durey, Germaine Taillefer e sobretudo o seu pae espiritual, Eric Satie, assim como os ultimos chegados, os jovens Maxime Jacob e os demais de Arcueil, onde viveu Satie.

O terceiro grupo, ao qual a guerra deu uma repercussão internacional, é de espirito social e revolucionario.

Em literatura está representado sobretudo por Romain Rolland, Henri Barbusse, Georges Duhamel e todo um punhado de jovens escritores como Elie Richard, Henri Poulaille, Emmanuel Berl, ou como Marcel Sauvage, este se ligando tambem ao movimento cubista. Em pintura é necessario citar certos artistas como Frans Masereel, ou como Dunoyer de Segonzac e Fromières.

A penultima escola de Paris é o grupo surrealista, nascido do dadaismo de Tristan Tzara. Seus representantes literarios são André Breton, Aragon e Eluard, como pintores os mais notaveis foram Chirico e André Masson, mas ambos, desligando-se do grupo e humanizando-se, deixaram-no sem valores plasticos reaes. É preciso citar, no entanto, Max Ernst e Joan Miro. O ultimo grupo parisiense, o ultimo nascido, é composto de jovens independentes nos quaes se sente ora a influencia cubista, ora surrealista, como acontece com Borrès, Vines, Gounaro, Papazoff e o vosso compatriota Joaquim Rego Monteiro. Pôde alistar-se nessa maneira alguns poetas jovens.

O NASCIMENTO EM PARIS DO MODERNISMO

Foi entre os annos de 1900 e 1910 que nasceu em Paris o movimento de arte e literatura modernos. As grandes correntes anteriores: symbolismo, realismo, impressionismo, estavam mortas e tinham engendrado a agonia escolastica e os grandes salões, necropoles, donde estavam excluidas as forças mais evidentes. Em literatura o que havia de melhor era o classicismo de Anatole France, o romantismo de um Barrès. Notava-se ainda a poesia cheia de frescura de um Francis James, da qual quasi todo mundo zombava. Além disso, triunfava em toda parte a nullidade de boulevard, representada por um Capus ou pela poesia falsa de um Rostand.

Uma reacção deveria inevitavelmente se produzir no sentido de uma volta ás fontes vitaes, solidas, frescas. Em pintura, especialmente, assistia-se a uma verdadeira refusão de valores, que teve como resultado primordial o retorno aos elementos constitutivos da fôrma, do volume, da côr e da poesia, oppondo-se á frieza do impressionismo decadente, como, em literatura, se oppunha ao symbolismo amaneirado.

Um quarteirão abrigou, depois de Montmartre, a maior parte desses constructores, *Montparnasse*, ao qual a revista que dirijo, com o vosso compatriota Rego Monteiro, e que foi fundada pelo poeta Paul Husson, tomou o nome, desde 1914. Esse quarteirão, que possui cartas de nobreza muito antigas, que estabeleceram em nossa revista André Salmon e Léo d'Orfer, entre outros, appareceu mais ou menos em 1900, época em que o poeta Paul Fort grupava em torno delle, no Café da *Closerie des lilas* a redacção de uma das melhores revistas do tempo *Vers et Prose*. Os secretarios foram Salmon, Husson e Apollinaire. Este, pae da poesia moderna, traço de união entre a magnifica floração symbolista e nós, apresentava assim a revista *Montparnasse*, no *Paris-Journal*:

«Montparnasse d'ores et déjà remplace Montmartre. Alpinisme pour alpinisme, c'est toujours la montagne, l'art sur les sommets. Les Rapins ne sont plus à leur aise dans le Montmartre mo-

MOVIMENTO BRASILEIRO

derne, difficile à gravir, plein de faux artistes, d'industriels fantaisistes et de fumeurs d'opium à la flan.

«Montparnasse, au contraire, on trouve maintenant les vrais artistes, habillés à l'américaine. Quelques-uns d'entre eux se piquent le nez à la coco. Mais ça ne fait rien, les principes de la plupart des Parnassois (comme on les appelle pour ne pas les confondre avec les Parnassiens) sont opposés à l'ingestion des paradis artificiels quels qu'ils soient.

«Que voilà un pays agréable où tout ciel est pour l'usage externe, pays du plein air et des terrasses: celle des Lilas où dominant Paul Fort, Diriks, Mercereau, Gianatasio, Charles Guerin, Flan-drin, Mme. Marval, etc.; celle de la Rotonde, où on voit Kisling, Max Jacob, Rivera, Friesz et d'autres; celle du Dôme où se tiennent Basler, Goetz, Flechtheim, Pascin, Lévy, tous les derniers enfin; celle du petit Napolitain où se rafraîchissent Gwodezki Pierro Roy, G. de Chirico, Modigliani; celle enfin du Versailles où reviennent Marquet, Benoni-Aurin, etc., etc...»

Entre esses, o mais velho foi Alfred Jarry, que nos deixou uma collectanea de poemas, de espirito muito vivo, intitulada *De sable mémorial*, como o seu *Docteur Faustroll* e o *Surmâle*, precursor do romance sportivo. Seu burlesco *Ubu-Roi* é particularmente conhecido. Foi elle quem descobriu, sem duvidar contudo dos seus dons, o doce e ingenuo pintor Henri Rousseau, mais conhecido pelo nome do *douanier* Rousseau, cujas obras attingem hoje a preços exorbitantes. Mais tarde interessaram-se por elle os pintores Picasso e Derain e os poetas Apollinaire, Salmon e Max Jacob. André Salmon, em *Propos d'Atelier*, cita varias anedoctas sobre o pintor, cujo pincel deveria deliciar-nos com seus toques infantis e poeticos.

Tudo isso não é um parentese sem interesse. É preciso, com effeito, evocar a atmospheria que permittiu a renovação constructora e humana de hoje, isto é, a eclosão em poesia de um James, a revolta e o comico feroz de um Jarry, a infancia de «douanier» Rousseau. De 1900 a 1914, cem forças diversas individuaes ou collectivas se agitaram, nasceram, elaboraram, procurando lições vevificadoras na arte negra, na egypcia, na nos primitivos, na vida, em summa.

CARACTERISTICAS DO MODERNISMO

Uma dupla característica sustem todos esses artistas e poetas: a procura da vida e dos elementos *verdadeiramente* poeticos e sensiveis, o desprezo ao *poncif* e ao ensino vindo da Escola de Bellas Artes e da Universidade.

Nessa época, encontramos, em literatura, tantos nomes que fazem hoje a nomeada das letras francezas. São, de um lado, André Gide, tão atacado então, Marcel Proust, que procurava em vão um editor, Ginaudoux, timido principiante; e, do outro lado, Romain Rolland, Duhamel, Barbusse, que não tinha feito scção *Les Pleureuses* e *l'Enfer*. Os mais bellos poetas francezes da época, ignorados pela imprensa e pelo grande publico, realizavam pacientemente a sua obra.

À frente delles, Guillaume Apollinaire que guarda a gloria de ter occupado o logar unico de agente de ligação entre o symbolismo de Rimbaud e de Verlaine e a poesia moderna. Com effeito, qualquer que tivesse sido o seu talento ou o seu genio, os poetas que o seguiram (a guerra inatou Apollinaire em 1917) nada ajuntaram a poemas como *Zone*. André Salmon, Max Jacob, Pierre Reverdy, Blaises Cendrars, Jean Cocteau são com elle os adeptos da poesia nova.

Em pintura, as forças mais vivas se defendem da tutela post-impressionista. Rompendo com o pittoresco, a maior parte dos jovens pintores, grandes pintores de hoje, partiam de Cézanne, Seurat, Renoir e dos primitivos. De 1900 a 1910 poder-se-ia grupar sob o nome de *fauves*: Henri Matisse, Van Dongen, Vlaminck, Dufy, Braque. Citemos, além desses da mesma época, Derain, Rouault, Dunoyer de Segonzac, Le Fauconnier, Utrillo.

O cubismo, que nascia pouco depois de 1906, sob a egide de Picasso e de Braque, compreendeu por algum tempo Van Dongen, Le Fauconnier, Derain, Vlaminck, que o abandonaram, e foram organizar o grosso das suas tropas com Picasso e Braque, e com Fernand Léger, La Fresnaye, Juan Gris, Gleizes, Metzinger, depois Lhote e tantos outros.

Foi uma época de escandalos no Salão dos Independentes! A época dos escandalos! E no entanto o critico de arte, Félix Téneon, podia divertir-se publicando em paralelo os premios do Salão dos Independentes e os grandes Premios de Roma, concedidos ao mesmo tempo. Ora, attendei bem, nenhum desses grandes premios de Roma deu alguma coisa, uma prova de talento. Ao contrario, a Sociedade dos Independentes reunia os nomes celebres, injuriados outr'ora, de Cezanne, Cross, Derain, Van Gogh, Guillaumin, Matisse, Redon, Dunoyer de Segonzac, Seurat, Toulax-Lautrec, Vlaminck e tantos outros.

PARALLELISMO DA ARTE MODERNA

Raramente união e interpretação das artes se realizaram tão bem como na Escola de Paris. Um homem como como Elic Faure publicava, em 1909, sua notavel *Historia da Arte*, onde analysou com muita perspicacia a arte moderna, deveria mais tarde render uma forte homenagem a Charlie Chaplin. Um pintor tão representativo como Maurice Vlaminck se revelou excellente escritor, nos seus poemas, em que a vida, o sport e a arte se alternam. Rouault, esse outro bello pintor, escreveu igualmente versos muito sensiveis. Entre os esthetas do cubismo, convem notar os pintores Gleizes, Metzinger, Le Corbusier, Lhote, Léger. Deve-se a Gleizes e Metzinger o primeiro tratado do cubismo; a Le Corbusier, pintor e architecto, a bella revista *L'Esprit Nouveau*; a Lhote, illustrador do *Verlaine*, de Claudel, e a Léger, numerosos artigos criticos. Não posso esquecer da criação, em 1906, da abbacia de Créteil, phalansterio, em que viviam, segundo as leis de um certo comunismo: o medico e escritor G. Duhamel, os poetas Vildrac e René Arcos, o pintor cubista Albert Gleizes, já citado, o musico Albert Doyen e outros.

Os nossos maiores poetas modernos foram os criticos mais entusiastas do movimento cubista e sua poesia o traduz manifestamente. É o caso de Blaise Cendrars, nos seus artigos de critica, bem como nos *Dix-neuf poèmes élastiques*. André Salmon, Pierre Reverdy, Jean Cocteau construíram uma

verdadeira obra critica. De André Salmon, citaremos *L'Art Vivant*, *Propos d'Atelier*, *La jeune peinture française*, *La jeune sculpture française*, suas numerosas monographias como a de André Derain, seus bellos poemas de *Peindre* e *Correspondences*, illustradas por Etienne Farkas. Jean Cocteau escreveu o mais intelligente tratado dessa época: *Le Rappel à l'ordre*, onde se encontram: *Le Coq et l'Arlequin*, *Carte Blanche*, *Visites à Maurice Barrès*, *le Secret professionnel*, *d'un Ordre considéré comme une anarchie*, *Autour de Thomas l'imposteur et Picasso*. Esses capitulos formam a poesia-critica de uma época: Cubismo, Musica, Music-hall, Machina... Apollinaire, Satie, Picasso, Cendrars, Max Jacob, Stravinsky... Clarevidencia extraordinaria, estilo limpido, dissipando os mal-entendidos, libertando as fórmulas da arte de um chaos, onde se atravancam os horriveis *assumptos*, mortos ou modernos.

Sabe-se que Jean Cocteau foi uma especie de orientador da Escola de Musica dos *Seis* e de Erik Satie, contemporaneo e amigo de Claude Debussy, a quem influenciou, e pae dos *Seis*: Honegger, Darius Milhaud, Auric, Poulenc, Durey e Germaine Taillefer. Satie, elle mesmo, fustigou, vigorosamente, em varias cronicas, os criticos da sua época. Pierre Reverdy é um dos nossos mais authenticos poetas, embora um pouco monotono. Precursor da escola super-realista, cujas velleidades realizou melhor do que qualquer outro, escreveu numerosas *plaquettes* sobre a arte cubista, que appareceram nas edições modernas mais cotadas. O seu estudo sobre *Picasso* é celebre. Não se ignora que o poeta Max Jacob ganha a vida pintando guaches e que Jean Cocteau desenha agradavelmente. Entre muitas collaborações das diversas artes modernas, citemos ainda *Parade*, que reune os nomes de Cocteau, Picasso e de Eric Satie. Os bailados russos, para os quaes trabalharam o grupo musical dos *Seis* e os pintores cubistas mais celebres, o film *La Roue*, de Abel Gance, no qual collaboram o escritor Cendrars, o cubista Léger, o musico Honegger; *La Danse*, de Fernand Divroire, illustrada pelo escultor Bourdelle e pelo pintor Rego Monteiro.

A GUERRA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

A guerra desencadeou uma reacção muito natural nos dominios do espirito. Ella explica a attitudo de Romain Rolland, que teve de refugiar-se na Suissa, onde escreveu *Au dessus de la mêlée* e *Les Précurseurs*, de Maurice Loutréuil, grande pintor e temperamento heroico, que quasi foi fustigado, por se ter recusado a pegar em armas. Escritores, artistas, movimentos inteiros uniram-se em torno desse thema imposto. Assim Duhamel, assim o movimento comunista com Barbusse, Vaillant-Coutenier, Moussinac, Ponnat Istrati, o gravador Frans Masereel. Gauillaume Apollinaire consagrou á guerra algumas das suas paginas mais bellas e Blaises Cendrars compoz *J'ai tué*, que é uma obra prima da guerra cruel em movimento. Nas *Feuilles de route* e em *Moravagine*, ouve-se sempre o éco tragico da guerra. No seu ultimo livro *Les confessions de Van Yack*, que segue ao *Plan de Paiguille*, Cendrars consagrou paginas extraordinarias a esse assumpto. O proximo livro que annuncia é intitulado: *La vie et la mort du soldat inconnu*.

Jean Cocteau deve á guerra, e isso é muito ignorado, suas duas melhores obras poeticas: *Le discours du grand sommeil* e *Le grand écart*; André Salmon, seu admiravel poema *Prikaz*, sobre a revolução russa e tantos outros tra-

balhos em prosa e verso. Paul Husson escrevia, desde 1917, *L'Holocauste*, um dos primeiros livros contra a guerra, e Jules Romains seu vehemente poema *Europa*. Poderia passar assim em revista toda a literatura contemporanea até Drieu la Rochelle, por exemplo. Ha uma categoria de escritores independentes, pouco conhecida no estrangeiro, mas notavel, que escreveu muito sob a influencia do grande conflicto. Entre esses, queria vos apresentar Elie Richard e Marcel Sauvage. *Marceau-la-Rose*, de Elie Richard é um dos melhores livros inspirados pela guerra. Ha nessas paginas, qualidades de verdade humana e de poesia que se encontram raramente nos romances de hoje. É a historia de soldados collocados atraz do *front*. Gravitam em derredor de uma figura central: Marceau-la-Rose. E posso bem dizer que esse Marceau, esse moleiro, esse homem forte e natural, tão direito, perdido na aventura terrivel da guerra, é commovedor. Ha ahi um symbolo, como uma personificação do melhor e do verdadeiro habilmente transpostos na loucura geral. Marcel Sauvage é um dos poetas modernos mais sensiveis. *Son voyage en autobus*, illustrado por Max Jacob, fez éco no começo da sua carreira. Marcel Sauvage obteve a Bolsa Blumental. Hoje, mereceu o premio Gringoire, graças ao seu ultimo livro: *Le premier homme que j'ai tué*.

Entre os mais bellos livros de guerra, que não se conhecem no estrangeiro, citarei o horrivel *Ouragan* de Florian-Parmentier e *Le Cabaret*, de Alexandre Arnoux. Esse espirito de colera, de revolta, encontrareis ainda num plano mais intellectual, mais critico ou mais social na *Mort de la pensée bourgeoise* e em *Caliban parle*, de Jean Guéheino, que alimentaram numerosas discussões no jornal hebdomadario *Monde*, que dirige Henri Barbusse, e que representa, na esquerda, o mesmo que *Les Nouvelles littéraires*, na direita intellectual.

Nas artes plasticas, as consequencias da guerra se revelaram sobre um plano mais abstracto, no entanto a escola de Paris produziu muitas obras inspiradas directamente na guerra. Dunoyer de Segonzac illustrou a obra de Roland Dorgelès *Les voix des bois*, um dos bons livros de guerra, e suas notas pessoas «tomadas no *front*». Gromaire compoz *poilus* monumentaes, assim como L. A. Moreau. Othon-Friesz se serviu muitas vezes do assumpto guerreiro como Antral. Frans Masereel, o poderoso gravador, de origem flamenga, cuja obra guarda um caracter social, deve alguns dos seus melhores trabalhos á guerra. Tambem os cubistas Picasso, Léger, Glaises, Metzinger, Sur-vage, Delaunay, De la Fremaye, Dufresne e outros.

O DADAISMO

Não é absolutamente inutil tratar de novo de um dos movimentos — *O dadaismo* — que evoluiu e se prolongou com o nome de *superrealismo*. Póde dizer-se hoje que esse movimento, que trouxe, annos atraz, grandes esperanças, morreu em Paris, senão sob a sua fórmula indirecta e evolutiva, ao menos em sua expressão directa e criadora. Porque todos os jovens artistas e poetas sérios adheriram outrora em espirito, talvez de facto, a essa escola. É que os seus principaes adeptos, os poetas Tristan Tzara, Philippe Soupault, Breton, Aragon, Peret, Elouart estavam no bom caminho. Quaes eram as pretensões do principio dadaista? A negação quasi absoluta de tudo, a chacota, uma poesia do desespero. Quaes eram as do superrealismo?

O dadaísmo primitivo abandonou o seu fundador Tristan Tzara. Tornou-se superrealismo, não era mais um negador, mas um organizador de forças espirituaes, reclamando em particular grandes poetas symbolistas: Rimbaud, Lautréamont e adherindo á Revolução e mesmo ao partido communista. Esse movimento das gerações de depois da guerra era no fundo uma nova reacção devida á guerra. Suas coleras, suas revoltas, seus desesperos eram infinitamente sympathicos no começo. Mas — e isso nos foi logo revelado — salvo duas ou tres excepções, os jovens superrealistas não tinham nada de sincero.

Aquelles mesmo, que tocavam em tudo, pretendiam substituir a antiga ordem de coisas, social e artistica, por um novo canone duma espiritualidade infinita, supprimir a escola e as escolas e permanecer num estado de perpetua revolta, caíram ao contrario nas peiores armadilhas, que denunciavam. Emmanuel Berl, o joven escritor, autor da *Mort de la pensée bougeoise* expressou o seu ponto de vista nas *Nouvelles Littéraires* e em *Monde*, com uma grande severidade, justificada muitas vezes.

DADAISTA DEPOIS SUPERREALISTA

Esse movimento dadaista, depois superrealista foi ao começo puramente literario, tornou-se mais tarde pictural, affirmando esse dualismo, que encontramos a cada passo. Se estudamos, entretanto, a actividade plastica do grupo, apercebemo-nos que essa contribuição é pobre.

Empregando o mesmo processo infantil do futurismo de Marinetti, o superrealismo reivindicou alguns talentos incontestaveis, que lhe são completamente extranhos e que jamais adheriram a esse grupo, Picasso, Braque, o allemão Paul Klé. Por outro lado, os melhores pintores, que pertenciam realmente ao grupo, Georges Chirico e André Masson e que o deixaram ambos, fatigados por uma estreita e mesquinha dictadura, já têm quarenta annos! Tinham adquirido suas qualidades reaes de pintor antes e durante a guerra. Masson, em particular, foi um amigo intimo do pintor Maurice Loutreuil, que exerceu sobre elle, no plano humano, uma influencia excellente.

Os verdadeiros pintores superrealistas são raros, não se pôde citar senão Max Ernst e Jean Miro, cuja arte não corresponde entretanto ás pretenções que alardeam, elles e seus amigos. Muito menos séria que a literatura, a pintura desse grupo tomou o aspecto simples das coisas, o lado menor do cubismo, que valia num Picasso ou num Braque, pela profundeza emocionante em si da materia, ou pelo conjunto poetico dos elementos; num Léger, pelo dynamismo verdadeiramente perturbador. Em literatura, não se pôde negar, com justiça, o superrealismo. Se amo pouco o estilo de Breton, animador do grupo, não se pôde recusar talento de poeta a Tristan Tzara, primeiro fundador do dadaísmo, a Paul Eluard e a Philippe Soupoult, no começo, e a Desnos, bem assim a Aragon, prosador classico no fundo, e a René Crevel.

Robert Desnos, com Tzara, era o mais sinceramente humano e o mais ingenuamente poeta do grupo. Sem duvida, por isso mesmo, acaba de ser excommungado com grande ruido comico, pelos seus grandes sacerdotes. Todas essas historiasinhas muito ridiculas não interessam senão a

alguns calouros da provincia ou do estrangeiro... Em summa, o superrealismo, que não encontrou seu nome, inventado por Apollinaire, morreu muito rapidamente, como todos os movimentos que não são espontaneos, mas forçados. Pouca sinceridade! Quanto á sua theoria do inconsciente puro, quem a poderia levar a sério? Não se pôde negar, porém, que no plano poetico, os superrealistas deram ensejo a reflexões salutaes para os poetas independentes. Chamaram attenção para certos exageros cubistas. Serviram como symptoma.

A DEPURAÇÃO MODERNISTA

Resta a examinar agora, rapidamente, a situação derradeira. As mais características acquisições da arte moderna vêm de uma ordem profundamente authentica e humana. Houve antes de tudo um periodo de depuração. Compreendeu-se, afinal, a necessidade de se libertar do assumpto photographico, do convencional, do museu, da escola, da literatura, do falso classicismo, da retorica, da vulgaridade.

A verdadeira plastica encontrada, jogo de planos, volumes, valores, côres, como em literatura a engrenagem authentica da poesia criadora — rythmo, canto, musica, côres — a arte moderna depurada, poderá volver a suas fontes humanas e subjectivas, sensiveis.

Observemos, por outro lado, o que tem grande importancia, que os materiaes sobre que trabalharam no começo os cubistas Picasso, Braque, Léger foram objectos usuaes, humanos, humildemente quotidianos. Jornaes, garrafas, encerados, cachimbos, modestos maços de fumos de soldados, aos quaes a guerra emprestou uma extraordinaria acuidade, guitarras populares, pinturas de pequenos bars de trabalhadores de Paris. Sabe-se que Braque é filho de um empreiteiro de pintura. Léger juntou a esse material os bellos objectos da mecanica.

Recolhemos hoje os frutos de vinte annos de pesquisas apaixonadas e de experiencias. Nesse mesmo tempo, vieram por vezes as realizações, consagradas agora com a criação de uma sala moderna no museu official do Luxemburgo. A pintura joven em Paris se funda actualmente numa sensibilidade emocionante, mas que não quer negar a nobreza fundamentalmente expressa em obras de authentica expressão constructora.

Encontrareis essas características nos pintores mais conhecidos que vos citei no curso deste artigo, em outros mais ou menos jovens, ou na arte popular de um Bauchant, ou ainda nos pintores que foram influenciados em varios estagios pelo cubismo, como Marie Blanchard, Metzinger, Bosshart, Campigli, Germaine Derbecq, Farkas, Halicka, Marcoussin, Gromaire, Laglenne, La Serna, Lhote, Severini, o vosso compatriota Vicente do Rego Monteiro. Este ultimo forma um dos exemplos caracteristicos da evolução pictural moderna. Expressando-se em vastos rythmos de fórmulas e de volumes, Monteiro não abdicou coisa alguma da significação humana, ethnica e sensivel que deve revestir a obra de arte. Ao contrario! Serviu-se do «assumpto» e das linhas e volumes do proprio homem e que melhor architectura poderia inventar? Nesse particular, seu *Combate*, do Museu Grenoble e seu *Baptismo* me parecem exitos inteiramente symptomaticos.

Nos escultores, a mesma linha se observa e é particularmente característica em Pablo Maues, o mais em evidencia dos nossos jovens escultores. Essa volta á nobreza está também presente nos que seguiram a trilha do chamado *fauvismo*, marcada por Dunoyer de Segonzac, Dufresne, Vlaminck. Foi por igual o caso de Loutreuil, morto ha 4 annos e dotado de todas as marcas de um grande artista e da mais rara virtude, e também o de Charles Clément e o de Soutine.

Da mesma fórma, em literatura, as tendencias mais activas de hoje volveram ás fontes vivas. Não se viu um escritor sexagenario como André Gide escrever, sob a emoção humana, dois livros que causaram um verdadeiro escandalo, atacando ao fundo os nossos methodos de exploração colonial: *Le voyage au Congo*, e *Le Retour du Tchad*. Não é também consolador citar, no dominio das viagens e da aventura internacional, para um Paul Morand, talentoso mas frio, os grandes talentos humanos de Valéry Larbaud, de Pierre Marc Orlan e de Blaise Cendrars.

Entre os prosadores de maior merito, dos ultimos tempos, citarei Emmanuel Bove, autor de *Mesamis* e de varios romances, dos quaes o mais notavel é *La Coalition*, que obteve o Premio Figuière 1928, Roger Martin du Gard, autor de uma obra extremamente vasta. André Malbroux, cujos *Conquérants*, ou historia da revolução chinesa, obteve o mais vivo exito.

Se quizesse alongar-me, deter-me-ia em J. Chardonne e nos mais novos dentre nós, Jean Giono, Marc Bernard, Glotz, sobre os melhores prosadores do movimento surrealista, Aragon, René Crevel.

O POPULISMO

Falou-se muito nos jornaes literares do populismo de Thérive e de G. Lemonnier. Essa tendencia muito querida nasceu morta. Realmente, existe um movimento desse genero, espontaneo e reunindo escritores jovens, muitos dos quaes saídos do povo, taes como Jean Gulhenno (*Caliban Parle*), L. Guilloux (*La maison du peuple*), A. Garric (*Belleville*), Rémy (*Porte Clignancourt*) e ainda Chamson, E. Berl, Marcel Ollivier (e seu *Spartacus*).

La poésie n'a jamais été aussi riche sur la terre de France. Apezar disso, ou por isso mesmo, sem duvida, é herpismo que sua pratica recíama hoje, porque a poesia exige uma gratuidade de esforços e de trabalho, como nenhum esforço e que nenhum salario póde compensar. E do ponto de vista idealista, essa conquista da poesia é muito consoladora.

O modernismo de boa semente teve a sua mais bella victoria. A linha da poesia moderna foi, com effeito, distendida de modo o mais aavico, pela ligação do symbolismo e do romantismo. Seu avô foi Baudelaire, seu pae Rimbaud* assistido por Verlaine. Lautréamont, Laforgue, Corbière... Apollinaire foi o filho mais velho, depois vieram Cendrars, A. Salmon, Max Jacob, Reverdy, Cocteau. Consagrados depois, Ivan Goll, Jules Supervielle, citemos ainda Paul Dermée, P. A. Birot.

Antes da guerra, outros poetas agiram isoladamente como precursores na mesma linha e foram Sait Pol Roux, chamado o magnifico, Milosz. P. J. Jouve Fargue. O super-realismo, além de Tzara, nos deu tres ou quatro grandes poetas Eluard, Dernos, Breton... A. Gaillard. Na revista marsehesa *Les Cahiers du Sud*, dos quaes muitos colaboradores o são também da revista *Montparnasse* e *Sagesse*, dirigida esta por Fernand Marc, apparece uma pleiade de jovens, que são o futuro. Citemos Marcel Sauvage, Dalby, P. Mentaneau, G. Andesio, Jean Follain, J. Hytier, L. Parrot, Louis Emié, Paule Reuss, A. de Falgairolle, Roland de Renéville, René Char, J. R. Duron, P. Gueguen, que acaba de publicar *Jeux comiques* e que começa nas *Nouvelles Littéraires*, com tanto ardor, a critica poetica, em companhia de Jean Cassou.

Talvez vos espanteis de que não evoque certas tendencias, neste estudo tão completo, se não em fundo, ao menos em superficie. É que, apezar da largueza de vistas que me impuz, não saberia subscrever certas tendencias contra as quaes a nossa arte moderna reagiu violentamente. Se não posso reconhecer entre os mais velhos o talento de um Valery (em prosa, mas não em poesia), se não posso reconhecer talento, entre os mais novos, num Montherland, confesso que me recuso collocar-os no pinaculo, porque tenho que os seus movimentos e escolas estão viciados por esses defeitos da grandiloquencia, da qual Verlaine já dizia que era preciso torcer o pescoço...

A VICTORIA DEFINITIVA DA ARTE MODERNA

Terminando esta longa palestra, seja-me permittido expôr dois factos que consagram a victoria definitiva da arte moderna. O primeiro é a agonia depois a morte dos grandes salões, nos quaes trabalhamos por muito tempo. O Salão dos Independentes não corresponde, hoje em dia, como o Salão dos artistas francezes, a uma realidade vital, e morreram admiravelmente. As tentativas feitas sobre as mesmas formulas: *Salão dos novos independentes*, *Verdadeiros independentes*, fracassaram. Só o recente *Salão dos Superindependentes*, com recrutamento e espirito modernos e regulamentos draconianos, parece destinado a algum exito.

Mas houve um facto altamente significativo na historia da pintura. Foi o estabelecimento da Sala 8 no muito official Salão do Luxemburgo. Que encontrareis de moderno, nessa sala? Todos aquelles de que Mauclair zomba, isto é: André Derain, Raoul Dufy, os cubistas Braque e de la Fresnaye, o popular e poetico «douanier» Rousseau, os *fauves* Matisse, Dunoyer de Segonzac, Maurice de Vlaminck, Dufresne e Rouault e Maurice Loutreuil e tantos outros que esqueço. E se alguns dos principaes representantes da escola de Paris estão ausentes, não é que esse museu os não tenha querido. Certas circunstancias, os fundos restrictos de que dispõe o Museu do Luxemburgo, que não soube comprar-os em tempo opportuno, explicam essas lacunas.

Ainda teria muito a dizer... Mas termino aqui este artigo, pedindo que me perdõem a sua inevitavel aridez. Meu fim foi sobretudo o de expôr ao publico brasileiro a vitalidade extraordinaria das artes parisienses moderna, sua amplidão e sua victoria consagrada universalmente, depois de vinte e cinco annos de luta.

PUREZA

MURILLO ARAUJO.

Céo de occaso tão limpo!
Innocencia. Doçura.

Céo divino
tão bom —
que entra em minha consciencia
e me torna — meu Deus — outra vez pequenino.

Meu espirito salta as silhuetas das arvores,
transpõe rindo montanhas,
rola, acrobata, os globos coloridos das nuvens...
e na riba das aguas onde ha flores estranhas
vae num impeto colhê-las
doido de liberdade e alegria e perfumes...

E até o céu sobe e apanha aos punhados estrellas
para brincar
como se fossem vagalumes.

Depois nas vielas que adormecem illuminadas
simples como os meninos de mãos dadas nas ródas
assim canto eu esta canção de rua.

E ainda é como um pequeno deslumbrado
de olhos pasmos e ingenuos
que olho a lanterna magica infinita do sonho
projectada no circulo alvejante da lua...

DESERTOS

MURILLO MENDES

1

Um coração vermelho pousado em cima do cubo da praça deserta. Tantos globos electricos acesos! Mas o céu foge num som distante de buzina. Os alto-falantes anunciam as maquinas polidas, o tempo materializado, cronometros com alma,

o aparelho pra reduzir sensações. Uma estrela em atrazo reclama contra a Companhia de Polimento dos Astros. Das janelas de metal debruçam-se rosas de papel, manequins de renda, bustos de sombra. Depois tudo some, apagam-se os globos electricos e a estatua do homem futuro aparece na praça, gritando: Eu sei todas as coisas!

2

Um fantasma de luvas me segura positivamente pelo braço e caímos num abismo. Estrelas verdes, pernas de arcanjos decaídos, o molde do seio duma mulher morta, o molde do meu corpo na vida futura. Tiraram o som deste lugar. Fantasma, arranja um pouco de som e me mostra o molde dos meus pensamentos na vida futura, e si haverá outra mulher pra mim! Mas o fantasma descalça as luvas cuidadosamente e se perde numa abstração completa.

3

A noite faz-se distante, engulindo projetos de noivos, abraços na penumbra. Os fantasmas invadem o mundo sensível, sugam o mar. Pensamos o deserto, a instabilidade das vibrações, o amor aereo. Não nos possuímos, alguém anda arrebatando as nossas impressões, o mundo é opaco... Adiamos diariamente a ação, o sonho se dilata, estamos em todos os tempos.

4

Um manequim vermelho desloca os braços na rua solteira. O mundo não o acolhe; onde inserir a forma dêle? Um assobio longo e fino. Não é o canto duma estrela, não é o alto-falante do arranha-céu despertando do sono. E' o apito do manequim chamando o mundo. O manequim invoca os entes passados, presentes e futuros. A rua dorme nos braços do deserto. E o manequim pensa: Não haverá mais ninguém de alma acordada como eu? Minha sensibilidade (ou minha inteligencia) sobra no mundo. Ou as duas. Eu sobro no mundo!

Enquanto o manequim exala a sua alma democratica, o resto da cidade está morrendo nos sonhos.

5

Um homem que chegou ao extremo limite do conhecimento de seus atos despe-se na praça publica e invoca um certo fantasma. Romper as fronteiras humanas, suicidio batendo na cabeça, morte lenta pelo sonho! Venham outros estados, apare-

çam outras faculdades. Preguiça de agir, receita sábia do Oriente, casada com a vontade de possuir a extensão e a profundidade de todos os atos humanos. O guarda-civil sonha que está voando. E' uma estatua de botões amarelos. Um gato esquecido debaixo duma arcada sonha que está voando. Dentro das casas da cidade todos sonham que estão voando. O Espirito-Santo com as azas pousadas num triangulo sonha que está voando. O homem aproveita a disponibilidade universal e aperta um botão de aço, sistema americano aperfeiçoado. Aparece um fantasma fazendo medidas. O homem começa a gritar. O fantasma agarra-o pela gola do casaco, depondo-o nas fronteiras do não-ser com o ser. O homem tem um pé de borracha. O outro, também de borracha. O tronco, de borracha. Metade da cabeça, de borracha. A outra metade é o inverso do deserto, a explosão dum mundo infernal de côres, de ritmos, de pensamentos, de desesperos. O homem grita: Mais! Ainda mais! O fantasma fica firme e o homem continua gritando.

6

A cabeça do homem pensa no deserto. Escapam-se flôres, mãos de metal, retratos de familias defuntas, pela cabeça. De noite as formas vêm surgindo para a conspiração da desordem e das ideias desarticuladas. A mão indica as regiões malditas onde anjos pensativos desdobram a personalidade das artistas. Homens altos dão o braço a mulheres de olhos de metal que não pensam no amor. As casas de saúde e as maternidades vãs bocejam os vitraes azues na penumbra. Os chafarizes teem agua de mais, nas arvores os frutos pendem sem que ninguém os queira. Os canhões polidos esperam no fundo das fortalezas nikeladas o gesto que os moverá na luz. O povo já viveu todos os estados e se refugia na sombra das estatuas, nos degraus dos cemiterios, nas musicas que abstraem a ideia de tempo. Nos bancos da praça publica os namorados se sepultam nos olhos das namoradas. Mulheres de ancas largas, que já se multiplicaram nos seus filhos, pensam na preguiça e no vazio de seus corpos. Garotos ageis se esquecem no vôo das bolas de borracha. O ar pesa. Os demonios de olho vermelho olham a paisagem das dobras do céu. O

vento frio que vem da eternidade balança o berço do mundo. O homem tem preguiça de correr, de amar. Deus tem preguiça de crear outros mundos.

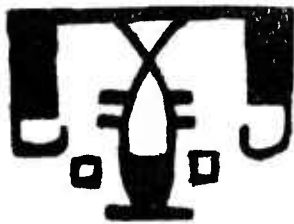
7

Combato á sombra dos meus sonhos. Levanto a mão de madeira para expulsar as estrelas, mas qual. Todas as creações do espirito do mundo insistem em adejar em torno da minha estatua atual. Rêdes de sombra aprisionam bustos de cêra verde, angulos de caras magneticas, olhares perdidos nos vales da Idade Media, perfumes das mulheres futuras. Santos angustiados deixam escapar a alma pelos labirintos do sangue, luas de borracha espetam a face calma em cima de planicies vermelhas de cactus abertos. Uma camisa de rendas duma mulher crece, crece, abafa o mundo desmaiando de cheiros. Da camisa sae a cabeça enorme de uma mulher maior do que o mundo, maior que o espirito. Na sombra da cabeleira dormem exercitos, trabalham poetas que a presentem e não a vêem. A terra diminue pouco a pouco, o mar é uma criança azul chorando porque quer a lua, os morros são bolas de gude que eu brincava na casa de minha tia, o arcanjo Miguel é um soldadinho de chumbo com um espadim de celuloide, o pensamento acaba na ponta dos meus dedos. A cabeça crece mais, os cabelos pretos crecem, o cheiro dos cabelos crece. Os astros se aconchegam no seio resplandecente da

Virgem Maria. A cabeleira cobre o mundo. Pronto. Está vendo, poeta bôbo. O que você não conseguiu.

8

O disco azul continúa a rodar no campo das estrelas. Anjos verdes jogam diabolô com as cabeças das meninas que eu gostei neste mundo. Santas de carnes gordas tocam harpas nos cabelos do ar. Além das fronteiras da ideia bolas vermelhas e azues brincam nas raquetes do vento. De noite os sonhos saem direitinhos pela porta do espaço e caem tontos de vida, tontos de girar na cabeça da terra. As namoradas aparvalhadas nos terraços de platina espantam o mar com a mão e se debruçam no pensamento dos homens quadrados. De repente o disco bate da testa e volta. Ainda é tempo de olhar os gramados retos nas tardes pensativas. Ainda é tempo de jogar com os numeros nos edificios em cimento armado e com as polias nas usinas que brotam do sol apitando. Ainda é tempo para a conformidade com a calma universal nas rêdes balançando no espaço. Mas o disco toma a seguir. Roda e não pára. Gira o pião das estrelas. E vai. O disco vai penetrar nas planicies do Inferno, está quasi nas fronteiras da minha vontade. Mais além! Mais além! Perdi a fórmula e nenhum anjo me consola passando a mão resplandecente pela minha cabeça. Estou fóra de mim. Estou em outro lugar. Estou num deserto perpendicular á minha existencia futura. Angulos!



REPERTÓRIO



COMISSÃO INTERNACIONAL DE ARTES POPULARES

Nos trabalhos dessa comissão, realizados em Roma, no fim do anno passado, conforme noticiamos, adoptou, dentre outras, as seguintes resoluções: I), A C. I. A. P. tomou conhecimento das conclusões adoptadas pelo comité executivo da Exposição de Artes Populares de Berna e da Repartição da C. I. A. P., approvando-as por unanimidade. A comissão considera que a exposição de Berna é uma das incumbencias mais importantes do seu Bureau e de cada um dos seus membros. Caberá a estes fazer as negociações mais activas junto ás autoridades e desenvolver forte propaganda para que a participação do seu paiz seja decidida sem demora. II), A C. I. A. P. tendo recebido da cidade de Antuerpia e da junta da exposição internacional, que ali se realizará em 1930, convite para participar do 2.º Congresso Internacional, aceitou tal proposta. Encarregou a sua Repartição de transmittir os seus agradecimentos ao Burgomestre de Antuerpia e ao Secretario do Governo belga junto á exposição colonial, marítima e de bellas-artes. A Repartição e o secretariado da C. I. A. P. terão por encargo precisar os detalhes de organização e zelar pela preparação scientifica do Congresso. Este deverá consagrar-se «ao estado actual das artes populares». Os trabalhos originados por este thema deverão ser concebidos de modo a dar indicações ás juntas nacionaes para a preparação da exposição de Berna. III), A C. I. A. P., depois de ter tomado conhecimento do relatório do secretariado em relação á organização eventual de uma sociedade internacional da musica e da canção populares, julgando que essa questão deve ser estudada por uma junta de especialistas, antes da

apresentação de um relatório á proxima sessão plenaria, acolhe com sympathia a proposição do membro da delegação hungara, no sentido de reunir essa junta em Budapest e encarrega a Repartição e o Secretariado de tomar, de accordo com a delegação hungara, as medidas necessarias á realização.



CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES INTELLECTUAES

Reuniu-se, em Haya, no anno passado, o 7.º Congresso Internacional dos Trabalhos Intellectuaes. Além dos delegados officiaes das confederações nacionaes, já adherentes á C. I. T. I., varias organizações similares representam-se: os observadores da Alemanha, de Cuba, da Dinamarca e da Suecia. A Repartição do Trabalho, de Genebra, a Federação Internacional dos Funcionarios e a Sociedade Universal do Theatro tambem se fizeram representar.

Entre outras, discutiram-se as seguintes questões: Propriedade scientifica; contracto-tipo; o direito do autor e o do executante em materia de reproduções mecanicas e de radio-difusão; o direito de accionar; os trabalhadores intellectuaes desoccupados; a collocação dos artistas theatraes; os seguros sociaes para os trabalhadores intellectuaes; invenções dos assalariados e clausula de não concurrencia. Dentro desse programma, foram adoptadas 17 resoluções.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MULHERES

As sessões quinquenaes deste Conselho, se realizarão, em Vienna, no Hofburg, de 26 do corrente a 7 do mez vindouro, figurando, na ordem do dia, entre outras, as questões seguintes: Relatório da Comissão permanente das organizações femininas internacionaes; Relatório da comissão especial,

concernente á cooperação com a Aliança internacional para o suffragio e a acção civica e politica das mulheres; e Relatorios dos Conselhos filiados. O comité executivo e as comissões permanentes se reunirão antes das sessões do Conselho internacional.

COMITÉ INTERNACIONAL DA T. S. F.

O 4.º congresso juridico internacional de T. S. F. se realiza em Liège, no mez corrente. O programma comprehende, notadamente, as questões seguintes:

Plano de convenção internacional da radio-difusão (desenvolvimento do voto adoptado pelo ultimo congresso de Roma); Plano de convenção internacional de direito privado da radio-electricidade; Protecção das emissões radio-phonicas, no ponto de vista do direito civil (Pesquisa dos principios juridicos applicaveis da noção de abuso do direito.); Direito do emissor sobre as emissões; Concorrenciam desleal (possibilidade de estabelecer o principio de um direito privativo de exploração); Estatuto internacional dos radiotelegraphistas (inquerito a proseguir junto aos grupos interessados pelos comités nacionaes do Comité internacional de T. S. F., conforme o questionario já sujeito ao Congresso de Roma); e Diffamação e direito de resposta em radiophonía.

INSTITUTO DE COOPERAÇÃO INTELLECTUAL

A 5.ª reunião annual dos Directores de Repartições universitarias nacionaes, realizou-se no Instituto Internacional de Cooperação Intellectual nos dias 25 e 26 de abril ultimo. Treze repartições estavam representadas, da Alemanha, Austria, Belgica, Dinamarca, Espanha, EE. Unidos, França, Grecia, Hungria, Italia, Hollanda, Polonia, Suissa, sob a presidencia do professor Halecki (Polonia).

No curso da discussão dos relatorios apresentados sobre a actividade das Repartições em 1929 e sobre a do Instituto no dominio das relações universitaria internacional foi examinado. Dois

relatórios muito documentados foram submettidos ao Instituto, um sobre as disposições que regulam os professores estrangeiros nos diversos paizes; outro sobre a organização e a actividade dos institutos nacionaes no estrangeiro. A reunião decidiu inscrever na futura ordem do dia, da primeira reunião, a questão dos diversos tipos de exames que dão acesso aos estudos universitários.

OS CONGRESSOS DESTE MEZ

Reunem-se este mez os seguintes Congressos:

- 1— Comissão de fiscalização da Liga das Nações, em Genebra.
- 2— Comissão consultiva economica, da Liga das Nações, em Genebra.
- 3— Comissão de migrações, em Paris.
- 4— Organizações internacionaes de estudantes, em Paris.
- 5— Peritos da comissão de correspondencia para a hygiene industrial, em Genebra.
- 5— 1.º congresso internacional de hygiene mental, em Washington.
- 5— Comité internacional do Algodão, em Stresa.
- 5— Congresso internacional de estradas de ferro, em Madrid.
- 8— Comissão financeira da Liga das Nações, em Genebra.
- 59.ª sessão do Conselho da Liga das Nações, em Genebra.
- 12— Comissão de peritos em trabalho indigena, em Genebra.
- 12— Repartição internacional de hygiene publica, em Paris.
- 13— Congresso da Federação internacional dos mineiros, em Cracovia.

- 15— Exposição internacional de hygiene, em Dresde.
- 15— 12.º Congresso de agricultura franceza, em Paris.
- 18— 4.º Congresso da Federação central dos empregados, em Stuttgart.
- 10— União internacional de radio-difusão, em Genebra.
- 10— Conferencia das sociedades de Cruz Vermelha, do Imperio Britannico, em Londres.
- 20— 10º Congresso nacional das locações familiares.
- 21— Comissão do paludismo da Liga das Nações, em Alger.
- 23— Comissão de Hygiene, da Liga das Nações, em Genebra.
- 26— 5.º Congresso da Federação internacional da construcção e trabalhos publicos, em Londres.
- 26— Conselho internacional das mulheres, em Vienna.
- 29— Federação nacional das cooperativas de consumo, em Tours.
- 29— Comissão internacional de navegação aerea, em Antuerpia.
- 28— Congresso internacional das novas formas da imprensa e particularmente da imprensa radiophonica.

banquete, sob a presidencia do sr. Oberkirch, sub-secretario da Hygiene em França, este e os srs. Justin Godart e Albin Peyron expuzeram os seus planos e logo uma subscripção foi aberta pela Princeza Edmont Polignac, com a importancia de um milhão e 600.000 francos, aos quaes outros milhões vieram logo se reunir. A cidade será á rua Cantagruel e deverá inaugurar-se no anno vindouro. Le Corbusier foi convidado para fazer o projecto e já o apresentou e foi approvedo. É de extraordinaria modernidade, todo em vidro, de accordo com as concepções architectonicas do grande architecto e impõe-se pela força e elegancia das suas linhas rectas e extrema simplicidade. Assim, uma grande obra de arte completará o esforço admiravel de philantropia que representa esse refugio para os vencidos.

NOVA YORK, A CIDADE PRODIGIOSA

Que é Nova York? Uma cidade extraordinaria, diferente das demais, o prototypo da cidade moderna. Suas cifras são allucinantes. Mais de 5.600.000 individuos inclusive dois milhões de estrangeiros vivem nessa Babylonia moderna. Ha mais italianos que em Roma, mais irlandezes que em Dublin, mais allemães que em Bremen e os israelitas se contam pela decima parte do seu total no mundo. Ha em Nova York mais telephones que a somma dos de Londres, Paris, Berlim, Leningrado e Roma. A cidade possui as cinco maiores pontes do mundo, cada uma medindo mais de uma milha de extensão. Possui ainda 2.000 theatros e cinemas e 1.500 egrejas de todos os credos e denominações.



LE CORBUSIER VAE FAZER UMA CIDADE REFUGIO

O «Exercito de Salvação» resolveu fazer construir em Paris uma enorme villa, para refugio de todos os pobres e miseraveis, onde encontrem um abrigo, um pouco de soccorro. Num grande

MOVEIS

“MAPPIN”

= Exposições =

RUA SENADOR VERGUEIRO, 147

PARA BUNGALOWS

— E —

APPARTAMENTOS

Com 30% do valor

faremos a entrega total

MAPPIN STORES (S. A. Inglesa)

nações. Trezentos mil visitantes desembarcam diariamente em seu porto e em suas gares, onde chega um trem de passageiros em cada 57 segundos. Celebra-se um casamento em cada 13 minutos e registra-se um nascimento todos os seis minutos; uma nova firma se cria em cada dez minutos e um prédio se erige no céu novayorkino em cada 51 minutos. Tal é o turbilhão da cidade gigante. A estatística apparecida no *New York Herald* deu, apenas, alguns numeros indices de sua grandeza. Tudo na America do Norte, porém, é grande, o que é bom como o que é mau. Nos Estados Unidos, mata-se um homem em cada quarenta minutos. Qual é o paiz que apresenta indice tão elevado? Morreram no anno passado em accidentes de automoveis 20.000 pessoas, cifra que invejaria a peste que nos envergonhou ha cerca de dois annos e trinta e cinco mil pessoas morreram envenenadas em consequencia de bebidas falsificadas fabricadas após a lei *Volstead*.

Civilização... *the greatest in the world*.

O RECORD DOS LIVROS

Segundo a estatística da Associação dos editores britannicos, é a Inglaterra que publica hoje maior numero de livros. No anno passado, bateu o record, com 13.000 volumes, vindo depois os francezes com 11.000. Essa primasia a Inglaterra possui de 1926 a esta parte, pois, ainda em 1925, estava com a França, que publicara 15.000 volumes, vindo depois a Inglaterra com 12.000 e os EE. Unidos, com 9.000. Estes ultimos é que, desde 1918 mantêm o mesmo algarismo de publicações, 9.000 volumes annuaes. A França, embora tendo perdido o 1.º lugar, augmentou muito as suas publicações, pois em 1918, o numero de livros apparecidos ali era apenas de 4.000. Na Allemanha, os algarismos são compreensivelmente menores, pois, embora Berlim conte 929 editores, Leipzig 401, Stuttgart, 137, Francfort 76 e Dresde 117, a sua lingua não tem a divulgação do inglez e do francez.

OS NOVOS ACADEMICOS FRANCEZES

Foram eleitos, a 21 do corrente, membros da Academia Franceza os Srs. André Chaumeix e Charles Le Goffic, aquelle para a cadeira de Clemenceau e este para a de François de Curel.

André Chaumeix, philosopho ligado a Bergson e Le Roy, é tambem jornalista, tendo, anteriormente, feito parte

da redacção do *Journal des Débats* e hoje do *Figaro*. Charles Le Goffic, que derrotou os candidatos Francis de Croisset, Fortunat Strowski, o conde de Blois, Louis Artus, Edmond Jaloux e o duque de Broglie, é poeta e historiador e critico literario. Nos seus versos e em outras obras sempre contou a sua Bretanha. Publicou tambem varios livros sobre a guerra e é autor da *Littérature française au XIXe. e XXe. siècles*. Entre os seus livros regionalistas, citam-se: *Le crucifié de Kéraliès*, *Morgone* e *Passions celtes*.

Pierre Laserre retirou a sua candidatura á vaga de François de Curel.

ESTA SERÁ SUPER...

Cogita-se de organizar na Europa uma super-academia, que seria composta pelos laureados pelo premio Nobel, em sciencias, politica e letras. É um professor da Universidade de Vienna, premio Nobel de 1914, que se occupa dessa organização, que teria como fins immediatos a celebração, no anno vindouro, do 30.º anniversario da morte de Alfredo Nobel e o 35.º da fundação. De 1901 até 1926, contam-se entre os premiados Nobel, 29 allemães, 19 francezes, 18 inglezes (incluindo 2 hindús, um australiano, um canadense, um neozelandez), 5 austriacos, etc.



PSITTACOSE

Não é de hoje, como geralmente se acredita, que a medicina conhece a *psittacose*, ou «doença do papagaio», como pittorescamente ficou denominada, pois a sua primeira descripção foi feita em 1876, por Jurgensen, que considerava essa especie de pneumônia atypica de origem animal. Na epidemia havida na Europa, entre 1892 e 1896, considerouse, embora com certas duvidas, o agente causal da molestia o bacillo de Nocard, mas, actualmente, esse germe não foi encontrado e parece que o virus da psittacose é filtravel. A doença póde ser definida como uma molestia especifica, devida a um agente pathogenico desconhecido e transmittida ao homem por certas especies de papagaios, particularmente pelos que provêm do Amazonas (*Chrisotis Amazonicus*).

De 1879 para cá que a Europa conhece essa doença, mas só agora, na epidemia dos fins do anno passado a

fevereiro ultimo, foi que se precisou a noção de que a transmissão é feita pelos papagaios, o que constitue a noção etiologica mais importante, ao mesmo tempo é um elemento precioso para o diagnostico. Não apresentando o mal nada de pathognomonic, muitos casos se apresentaram e foram tratados como infecções typhicas e grippaes, ou como pneumonias evoluindo em forma atypica. Os diagnosticos só foram justos retrospectivamente, quando a atenção do medico foi chamada para a transmissão do mal pelos papagaios. Na Europa, entre julho de 1929 e fevereiro ultimo registaram-se 300 a 400 casos de psittacose, com 30 a 40% de mortes. A psittacose não apresenta um caracter de epidemia generalizada, limita-se a uma familia, a uma casa, aos que têm contacto mais ou menos directo com os papagaios.

Ultimamente, entre os medicos allemães e francezes, trava-se sério debate na descripção do quadro clinico da molestia. Este, segundo A. Roubakine, de cujo notavel estudo, publicado no «Relatorio Epldemiologico» mensal da Secção de Hygiene da Liga das Nações, tiramos estas notas, póde ser assim resumido. A causa inicial está no papagaio, todos os infectados têm em casa, ou na visinhança, papagaios e se nota que o caracter do mal é tanto mais grave quanto maior foi o contacto humano com a ave. Os que a tratam, lhe dão comida na propria bocca, etc., são, em geral, os que soffrem a molestia com mais violencia. O periodo de incubação é de oito a quinze dias, ás vezes é menor, outras se alonga até um mez, mas, geralmente, é de dez dias. O começo da molestia é subito, o que a distingue da febre typhoide, embora possa haver casos em que o seu apparecimento se faça mais lento. Em geral, como dissemos, é subito; vem com um arrepio, mal-estar, alguns vomitos e dôr de cabeça. A somnolencia e a apathia podem ser symptomas, mas, outras vezes, a insomnia, a agitação e o delirio se manifestam. A pharyngite é frequente no começo e, na ultima epidemia na Argentina, a molestia começou, em muitos casos, por uma angina diptheroide, o que, aliás, Dujardin-Beaumetz já notara nas epidemias de Paris de 92-96. A diarréa é frequente, mas póde desaparecer em seguida. Em outros casos, observa-se a constipação. Esses signaes, como vemos, não são caracteristicos, são de uma grande infecção geral. A temperatura continua a subir durante alguns dias, para chegar a 40º — 40º 5. Mantem-se assim por 15 dias, com oscillações

um pouco mais marcadas do que na febre typhoide. Desce em seguida em lysis.

Os signaes pulmonares são característicos. A principio, podem não ser percebidos, mas declaram-se depois, salvo em alguns casos frustos em que só a febre accusa a molestia. Dahi a confusão com a pneumonia, embora atypica. Muitas vezes termina o mal numa broncho-pneumonia dupla. Não parece porém que sejam os phenomenos pulmonares fataes. A dyspnéa é muitas vezes intensa, antes mesmo do apparecimento daquelles phenomenos, parecendo tratar-se de dyspnéa toxica. Emfim, quando a molestia evolue para a morte, a dyspnéa pôde ser igualmente toxica e devida á uremia.

Os phenomenos cardio-vasculares são muito característicos. O pulso nunca é muito rapido, fica entre 90 e 100, só em casos fataes tem ido a 120 e 130. Ha pois um desaccordo entre a temperatura e o pulso, bom indice para orientar o diagnostico. Os symptomas digestivos não são muito acentuados, nada têm de pathognomonicos. Ao contrario, os nervosos são marcados. Apathia, estupor, cephaléa, quando não delirio e agitação, com carphologia. O abatimento é enorme, na convalescença e tende a collapso. Os rins são affectados igualmente, observando-se albuminuria, ás vezes apparece nephrite hematurica grave. A azotemia tem sido observada. A evolução da doença nada tem de especial. Normalmente, os symptomas começam a desaparecer pelo decimo dia, a temperatura cae em lysis e os signaes pulmonares cedem. Quando a molestia se torna fatal, a morte sobrevem no 4º ou 5º dia, podendo tambem vir no 10 ou 15º dia, ao meio de symptomas de fraqueza cardiaca e de broncho-pneumonia, ou por edema pulmonar. Pôde tambem sobrevir a morte por uremia.

Para se avaliar do interesse scientifico que vem despertando a psittacose, basta dizer que a bibliographia do trabalho de A. Roubakine conta a indicação de mais de noventa fontes de referencia. Bem dizia Eça de Queiroz que os medicos vivem a descobrir doenças e nós a nos prestarmos, imbecilmente, a morrer dellas...

A MEDIDA DA RADIOACTIVIDADE NO AR

Procede-se actualmente no laboratorio chimico do Instituto de Radiologia da Tcheco-Slovaquia a estudos sobre a possibilidade do isolamento do iodium contido nos *déchets* das minas

de Jachymor e a fabricação de côres *luisants*, duas possibilidades de grande importancia pratica.

É dessas minas situadas na Bohemia do Norte que se extrahem o radium, numa profundidade de 200 a 300 metros e são necessarias 7 a 8 toneladas de minerio para obter uma grammata.

O Instituto prepara tambem o estabelecimento de uma rêde de estações de observações relativas á radioactividade do ar. Estas estações deveriam estabelecer em que medida o ar em certas altitudes representa um factor therapeutico. Por outro lado, continuam os ensaios systematicos sobre as emanações de radium sobre organismos microscopicos e crescimento de plantas.



LUGNÉ-PÔE VISITARÁ O BRASIL

Em carta ao nosso Director, o grande actor francez, Lugné-Pôe annuncia a sua provavel viagem ainda este anno, ao Brasil, em companhia de Suzanne Després.

«L'EQUIPAGE», DE GEORGES DE LANCE

Do romance J. Kessel, extraiu Georges Delance uma interessante peça, que traz para a scena a guerra. Depois do exito formidavel da *Grande Viagem*, de Sheriff, o assumpto se tornou seductor e Delance aproveitou aquelle romance para seu drama. É a historia de dois aviadores, que se tornam amigos, ignorando que amam a mesma mulher, casada com um delles e amante do outro, que a conhece apenas com um nome supposto. Afinal o eterno acaso os colloca um em frente do outro, em plena realidade, numa das licenças da guerra. Volvem á frente, têm de vingar um collega abatido pelo inimigo. Os dois voam no mesmo aparelho, que cae, morrendo um e ficando muito grave o outro. A mulher, avisada do desastre, vae enconral-os. O amante morrera e o marido teve apenas tempo de perdoal-a e mandal-a para junto daquelle a quem mais ella amou.

Ao contrario da peça de Sheriff, em que não ha mulher, gira *L'Equipage* em torno de um amor, mas as melhores scenas são as de ambiente de guerra,

de flagrante admiravel. Pena é que não possa o teatro nos dar a angustia do ultimo vôo, que é talvez a parte mais viva do romance de Kessel.

O THEATRO SOVIETICO

Foi observado que a guerra civil e os assumptos politicos e economicos são os que inspiram de preferencia os autores dramaticos russos. Sinceridade, ou desejo de obter os favores de representação?



«MOMO PRECOCE» DE VILLA LOBOS

Momo Precoce, fantasia para piano e orchestra, sobre themas da sua *suite* para piano, *Carnaval dos meninos brasileiros*, foi levada recentemente em Paris, tendo Magdalena Tagliaferro como solista e a orchestra conduzida pelo maestro Arbos, com grande exito. O critico da *Revue Musicale* escreve sobre essa nova peça de Villa Lobos, baseada no nosso folk-lore, assimilando-lhe os motivos para recrial-os. «Assim, encontramos em *Momo Precoce* rythmos, melopéas, harmonias que são ao mesmo tempo propriedade collectiva e pessoal de Villa Lobos, graças ao modo por que dellas tira proveito. Concebida numa fórmula muito livre, essa fantasia quer representar aparições carnavalescas de meninos «travestis»; mas como pouco nos importa saber se tal rythmo ou tal thema foi tomado ao folk-lore brasileiro, podemos deixar os pormenores de programma, de tal fórmula a imaginação do musico se conserva fiel ao seu dominio de musica pura, sem recorrer, em hora alguma, á literatura ou á pintura. E é nisso que consiste a sua vitalidade; e o que della resalta e nos captiva é menos uma visão precisa de certas mascaras do que essa atmospheria geral de uma alegria juvenil e de uma loucura exuberante que arrebatá grandes e pequenos no turbilhão de dias dionysiacos.»

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS CONCERTOS

Essa federação, em outubro do anno passado, realizou o seu 1.º Congresso, em Budapest. Representaram-se os seguintes paizes: Austria, Belgica, Bulgaria, EE. Unidos, França, Gran-Bre-

nha, Hungria, Italia, Portugal, Rumania e Tchecoslovaquia. Entre outros projectos, foi apresentado a esse congresso um, no sentido da unificação dos direitos concernentes á vida dos concertos e foi proposta a fundação de tribunaes arbitraes internacionaes, que terão a alçada de julgar dos litigios entre as sociedades de concertos, os empresarios e os artistas. O Congresso occupou-se igualmente dos direitos de autores e da T. S. F. Ficou decidida a fundação de uma repartição central em Roma, bem como se estabeleceu a criação de commissões nacionaes. O proximo congresso será em Bruxellas, em setembro deste anno.

UMA AVENTURA DE FRITZ KREISLER

No curso de uma entrevista a um jornal londrino o grande violinista Kreisler contou a seguinte anedocta occorrida em Antuerpia. Emquanto esperava o navio, Kreisler, para matar o tempo, visita um antiquario a quem, por curiosidade, lhe mostra seu violino, perguntando quanto offerencia pelo mesmo. Era um instrumento celebre que o antiquario examinou com muita attenção, terminando por dizer «Seu violino tem um grande valor cujo preço seria difficil fixar, mas espere que eu lhe mostrarei um *Amati*. Poucos instantes após, volta o antiquario acompanhado de um policia e apontando o visitante — Este homem, diz elle, é um ladrão que me vendeu um violino que pertence a Fritz Kreisler.

Todos os esforços para provar sua identidade foram inúteis, nem mesmo a exhibição de seus papeis. Só mesmo tocando um trecho ao violino enquanto o velho judeu comparava com o que registrara o disco do seu phonographo, ponde Krisler convenceo-o de sua identidade.



A AMAZONIA QUE EU VI DE GASTÃO CRULS

Agora que o sr. Gastão Cruls conheceu a Amazonia, num contacto directo e longo, vadeando rios, atravessando igarapés, transpido cachoeiras, na viagem de Obidos a Tumucumaque, tem-se a impressão de que, no fundo, lhe ficou uma decepção. Ao invés da Amazonia mysteriosa, veiu uma Amazonia

real e monotona, que se repete com pequenas variações, na pasmaceira de um mundão sem fim. O livro do sr. Cruls é um diario de viagem, registando essa constancia, que só teve a modificar o raro encontro com meia duzia de indios, sem maior interesse.

Viajando com relativo conforto, numa expedição organizada com a segurança do emerito matteiro que é Rondon, o maior embaraço foi a falta de tabaco, que tanto preocupou o A., tanto ou mais do que as moureras, ou as palmeiras exquisitas. Como estamos longe do tragico do *Chasseurs de têtes*, de Graff, ou mesmo da viagem accidentada do padre Tapir... A utilidade do livro do sr. Cruls, que se lê esperando sempre episodios que não acontecem, está no depoimento sincero da expedição, embora feito excessivamente á maneira de relatorio, seguindo aliás o processo que empregou, ultimamente, André Gide, na *Voyage au Congo*, e *Le Retour du Tchad*.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: «ALGUMA POESIA»

Foi o excesso de formalismo da nossa poesia, dos nossos parnasianos, empregados todos da fabrica de marmores gregos, com séde em Paris e filiaes em varias partes do mundo, que determinou a reacção violenta de nosso primitivismo. Fomos ao excesso contrario, para evitar a sujeição, quizemos renegar a cultura e volvermos á taba. Tolice pura, nesta época de conforto, radio, arranha-céu, zeppelin. Dahi não poder ser sincera essa tendencia, que nasceu com o vicio literario de pura attitude. Mas, ainda assim trouxe uma contribuição, que foi a simplicidade, a visão directa das coisas, permittindo tirar da realidade todo o lirismo, que nos emociona. E assim se fez uma poesia livre e suggestiva, que foi a criação dos poetas apparecidos depois da explosão modernista de 1922. Dentre esses, teve logo grande relevo, pela confiança que nos impoz, Carlos Drummond de Andrade.

Seu novo livro tem bastante poesia. A gente tem vontade de citar, para o leitor tem o mesmo prazer que nós temos, com a sua leitura. Mas, dizendo, ao lado disso, todas as impressões, louvor, sympathia, ás vezes raiva, quando o poeta força, para effeito, o emprego constante de palavras vulgares, cuja repetição tira a surpresa do primeiro encontro. Ha pequenos poemas deliciosos, alguns, como *Signal de apito*, de effeito cinematographico, outros ainda de um synchronismo curioso. Mas,

por sobre tudo, ha um lirismo sincero, porque «a poesia deste momento lhe inunda a vida inteira». Seria para notar, se as classificações nos pudessem interessar, uma intenção superrealista na poesia de Carlos Drummond de Andrade, que naturalmente lhe dá certa obscuridade, peculiar a essa moderna cabala literaria.

Este livro traduz ainda a inquietação de um poeta diante da vida. Os criticos graves chamam a isso a busca da personalidade. Deve estar certo, mas é certo tambem que é o periodo mais fecundo, em que a ansia se faz poesia e tudo transforma em poesia. Achada a personalidade, elle não procura mais e quem não procura não póde achar mais nada. Que Carlos Drummond de Andrade demore muito nessa busca e a torne interminavel, como todos os verdadeiros artistas, que se renovam incessantemente.

ISAIAS ALVES — «OS TESTES E A REORGANIZAÇÃO ESCOLAR»

O professor Isaias Alves, da Bahia, é um dos mais esforçados propugnadores da nossa reorganização escolar numa base moderna e scientifica. Como, no Brasil, todo mundo entende de instrucção e a esse respeito a improvisação não tem limites, o caso do prof. Isaias Alves é digno de especial menção. Elle conhece e profundamente o assumpto. Os seus trabalhos não são de diletantismo, mas frutos de uma grande cultura especializada e, o que é mais, da sua experimentação directa. O livro, de que tratamos, é testemunho irrecusavel da sua capacidade pedagogica, pois não se trata de uma dissertação erudita sobre os testes — assumpto em voga de que muitos falam e poucos entendem — mas um compendio sobre o mecanismo delles, por assim dizer, que será util e proveitoso a todo professor, que quizer ensinar com segurança e proveito.

O *Teste individual de intelligencia* do autor, já era um trabalho de grande merito e copiosa documentação, este livro agora vem completal-o, merecendo particular relevo a parte relativa aos testes pedagogicos, a que devemos dar a maxima attenção, sobretudo porque terão de substituir o processo falho e obsoleto dos exames, em que o *pistolão* e a *colla* representam papel saliente, para não falar da capacidade de muitos examinadores, quer profissional quer moral, bem assim do nervosismo do alumno e sua depressão irremediavel. Aliás, os americanos demoralizaram o exame, mesmo nas condi-

ções mais severas de moralidade, demonstrando a diversidade de julgamento. O prof. Isaias Alves cita uma prova de historia universal, que um examinador considerou optima, e, para assegurar o seu criterio, elle mesmo fez uma prova, que considerava modelo. As julgadas inferiores seriam examinadas pelos seus cinco collegas restantes. Por equívoco, entre essas foi incluída a modelo. O resultado foi que essa foi reprovada por varios collegas e de nenhum recebeu nota optima. Se, no Brasil, fosse possível interessar o governo por taes assumptos, o trabalho do prof. Isaias Alves deveria merecer profunda attenção e ser o ponto de partida dessa reforma, por que anseiam todos os que querem dar efficiencia ao ensino, reforma que não consistirá em alterar fórmulas, todas usadas e gastas, mas em considerar, como base, o alumno e seu desenvolvimento. Mas, entre nós, essas coisas ainda são fantasia. Felizmente, porém, resta-nos a convicção de que esforçados como o prof. Isaias Alves conseguirão, com a sua pertinacia, esclarecer um pouco mais a nossa mentalidade, tornando possível uma modificação radical no nosso ensino.

BIBLIOTHECA EXOTICO-BRASILEIRA

A publicação deste trabalho precioso, de Alfredo de Carvalho, que o governo de Pernambuco confiou ao sr. Eduardo Tavares, e do qual falamos quando appareceu o 1.º volume, foi augmentado agora com novo tomo. O fallecimento do sr. Eduardo Tavares que, com tanto amor e dedicação se consagrou a esse trabalho, vem talvez prejudicar ou retardar a conclusão da obra.

Nesse catalogo de livros e trabalhos sobre o Brasil, ha sobretudo a considerar as notas, por vezes curiosas. Dentre ellas, citaremos a referente a Darwin, a proposito de seu diário sobre a viagem ao Brasil. Nella vemos a animosidade do grande sabio ao Brasil, que achou tudo nosso detestavel e confessa a sua má vontade pelos brasileiros. «É um paiz de escravidão, conclue, e, portanto, de degradação moral».

O sr. Eduardo Tavares tambem faz varias annotações eruditas e informativas, como, por exemplo, aos trabalhos de *ethnographia* indigena de Paul Ehrenreich, companheiro de von den Steinen, na elucidação de varias questões *ethnographicas* referentes ao nosso continente.

Em *summa*, é um trabalho que se percorre sempre com utilidade, no qual e ha sempre que aprender e é uma fonte preciosa de consulta.

O NOVO LIVRO DE NEWTON BELLEZA

O nosso distincto collaborador, Newton Belleza, publicará em breve — *Hoje*, livro de versos.

MOVIMENTO BRASILEIRO

NO CENTENARIO DE MISTRAL

Nas grandes festas commemorativas do primeiro centenario de nascimento de Frederico Mistral, presididas pelo Sr. Dumesnil, ministro da Marinha, em nome do governo francez, que se realizaram em Cannes, o MOVIMENTO BRASILEIRO esteve representado pelo nosso correspondente em Paris, o distincto escritor E. Montarroyos.

Além dessas, outras festas commemorativas se realizarão em Setembro proximo em Mailane, depois em Arignon e Arles.



MARINETTI E A LITERATURA FRANCEZA

Na sala do Instituto fascista de cultura, em Roma, F. I. Marinetti, a convite de Mussolini, fez a primeira conferencia de uma série, sobre a França, organizada por Arturo Marticopi, para responder a cyclo analogo organizado em Paris, sobre a Italia. Coube ao chefe futurista falar da «França literaria» e começou fixando as grandes correntes que dominaram o seculo XIX em França :romantismo, naturalismo e symbolismo. Marinetti mostrou ainda que não devemos restringir a literatura franceza á expressão do tradicional *espirito francez*, pois pertence ao genio francez tudo o que se expressou em lingua franceza, o que alarga muito o seu panorama. Assim tambem, devemos desprezar as prevenções, tão em moda, contra as contribuições estrangeiras de certos escritores, como Hugo ou Zola. E Marinetti exalta o *espirito francez*, cuja literatura tem sido um dos mais poderosos instrumentos

de expansão de idéas. Na sua revisão de valores, differencia os puramente formaes e os humanos, os que exprimem, num momento dado, as aspirações de um povo e cuja resonancia occulta está no futuro. Desse ponto de vista, os genios que dominam a França de hoje são ainda Victor Hugo, Emile Zola e Charles Baudelaire, a que se ligam Mallarmé, Laforgue, o genial Rimbaud. Assim, julga o egotismo de Maurice Barrès, o surrealismo de Delteil, a poetica de Paul Valery, planos mais individualistas da grande revolução romantica, captada pelo symbolismo. Uma palavra apenas para Flaubert e os parnasianos, sem lhes desconhecer, contudo, a influencia. Põe em relevo a paternidade dos Goncourts no documento humano e celebra Paul Adam e J. H. Rosny Ainé. Critica o negativismo de Anatole France, que destróe os grandes sentimentos nacionaes criadores e exalta o patriotismo de Hugo, Barrès ou Claudel, inseparavel das suas personalidades literarias. E Zola, com *La Débacle*, continúa o mestre do romance de guerra.

Dos modernos, Marinetti salienta quatro nomes: Paul Claudel, Marcel Proust, André Gide e Paul Morand. O primeiro é o maior escritor actual da França, o cerebro mais vasto, quanto ao poder de concepção e de imagem; o segundo, um anachronismo numa época de synthese, de movimento e de dynamismo; o terceiro, como o primeiro, embora moralista, não se explica sem seus pais do seculo XIX; o quarto, emfim, viajante infatigavel, «conteur» rapido, tendo a dar uma visão synthetica e futurista do mundo moderno, embora ainda não tenha produzido a obra prima que delle se espera.

E a conferencia terminou num hymno vibrante de entusiasmo ao genio francez, á sua gloria passada, á confiança no seu futuro.

A COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO DO ROMANTISMO

Na Bibliotheca de Paris inaugurou-se recentemente a exposição de Romantismo commemorativa do Centenario do Romantismo. Consistiu essa curiosa exposição em manuscritos, cartas autographas, desenhos, gravuras, primeiras edições, partituras, que reunidos em vitrines na galeria Mosarino formavam o mais precioso e incomparavel thesouro. A exposição foi organizada pelo director daquella bibliotheca, sr. Roland-Marcel.

Balzac é representado pelo manuscrito da *Interdicção*, as provas corri-

cyllindro decorado de columnas corynthianas serve de pedestal a Dulcinéa. Na paisagem que o genio de Cervantes povoou de fantasmas e sombras, dominará d'agora em diante a imagem branca da Dulcinéa.

AGUARELLAS DE TAGORE

O poeta hindú Rabindranath Tagore expõe na galeria Pigalle uma série de aguarellas de sua autoria. Segundo um chronista espantado de vêr a exposição do poeta mystico da Índia substituir a exposição de obras primas de Paul Cesame e de Clardin, as aguarellas de Tagore parecem o fruto dum estranho hymen entre o batik e a gravura sobre linolemo. De vez em quando um animal meio chimerico apparece no meio de manchas de um colorido pobre, demonstrando a erudicção do artista no dominio da paleontologia. O Tagore poeta está muito longe de se parecer com o Tagore das pobres aguarellas da galeria Pigalle.

EXPOSIÇÃO DE ARTE RELIGIOSA

Realisou-se em Munich uma exposição de arte religiosa na qual estão agrupadas cerca de 300 peças, datando do VIII ao XIX seculos, entre as quaes se acha o *Gondene Rossl*, obra prima da ourivesaria do fim da idade média e pertencente á igreja de Attotting.



OSWALDO FURST — «ENSAIO DE POLITICA INTERNACIONAL AMERICANA»

O Sr. Oswaldo Furst escreveu uma obra que encara as relações diplomaticas entre o Brasil e a Bolivia, focalizando, principalmente, o Tratado de Natal.

Antes de mais nada, cumpre fixar que poucos são aquelles que se dedicam ao estudo da nossa historia diplomatica, já de si tão escassa em commentadores ou investigadores. Não que a materia seja arida ou desagradavel; não que nos faltem documentos; mas o facto fica attestado e, por isso mesmo, todo o escriptor que envereda por esses caminhos, deve merecer a attenção da critica.

UM LIVRO NOTAVEL SOBRE ROOSEVELT

O escriptor norte-americano Owen Wister — que, se diga de passagem, é uma figura, hoje, de relevo secunda-

rio, embora seja o autor de dois romances apreciaveis: «The Virginia» e «Lady Baltimore» — acaba de publicar um trabalho realmente interessante sobre a personalidade dinamica de Roosevelt: R— «*Roosevelt, the story of a friendship*» (1880-1919). Esse livro está tendo um grande exito nos Estados Unidos, não só pelo seu lado anecdotico como tambem pelos ataques que o autor faz contra a figura de Wilson e os allemães que fizeram a guerra de 1914-18.

«EPIGRAMAS» DE ALBERTO GUILLÉN

Alberto Guillén, poeta peruano, que se encontra entre nós, na representação diplomatica do seu paiz, acaba de publicar novo livro de versos *Epigramas*, em que o seu lirismo se funde numa nota ironica e mordaz e a existencia sangra na eterna insatisfação, num continuo aniquilamento. Procurando aquelle reverso das coisas, que as desencanta, o poeta sorri das apparencias enganosas, descobrindo o recondito da pequenez humana.

Além de *Epigramas*, Guillén publicou, recentemente, na Espanha, uma *Antologia da Nueva Poesia da America*, na qual se incluem varios poetas de vanguarda brasileiros.

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

M A P P I N S T O R E S

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147